

# Vivendo em Cooperativa



Ivanio Dickmann - Ivo Dickmann - Cledir Assísio Magri



Ivanio Dickmann  
Ivo Dickmann  
Cledir Assísio Magri

# **Vivendo em Cooperativa**

1º Edição

São Paulo  
2011

## VIVENDO EM COOPERATIVA

Vivendo em cooperativa / Ivanio Dickmann... [et al.]. -- São Paulo: COOHABRAS, 2011.

72 f.; 14 cm X 21 cm.

Demais autores: Ivo Dickmann; Cledir Assísio Magri.

Inclui bibliografia.

I. Cooperativa de Habitação. II. Educação Popular. III. Mobilização Social.

# ÍNDICE

<b>O CONSTRUTOR .....</b>	<b>9</b>
<b>A CASA INVISÍVEL.....</b>	<b>10</b>
<b>COMEÇANDO A CAMINHADA.....</b>	<b>15</b>
<b>1. MATERIAL DE DIVULGAÇÃO NA IMPRENSA LOCAL E REGIONAL. ....</b>	<b>17</b>
1.1. Entrevistas em Rádio e Jornal.....	17
1.2. Cartazes e Panfletos .....	18
<b>2. ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES MUNICIPAIS. ....</b>	<b>19</b>
2.1. Entidades Representativas Locais .....	19
<b>3. APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS DA COOHABRAS PARA A COMUNIDADE. ....</b>	<b>21</b>
3.1. Esclarecer que não se trata de doação de casas ou terrenos pelo Poder Público. ....	21
3.2. Explicação do que é uma Cooperativa Habitacional, como funciona uma Cooperativa Habitacional e quem pode participar do projeto. ....	22
3.2.1. O que é uma Cooperativa Habitacional? .....	22
3.2.2. Como funciona e quem pode participar de uma Cooperativa Habitacional? .....	23
<b>4. CADASTRAMENTO GERAL .....</b>	<b>25</b>
<b>5. ORGANIZAÇÃO DOS CÍRCULOS DE COOPERIZAÇÃO E/OU GRUPOS DE INCORPORAÇÃO. ....</b>	<b>27</b>
5.1. Nome dos grupos.....	27
5.2. Contribuição Mensal .....	28
5.3. Coordenação e secretaria .....	28

<b>6. INÍCIO DAS CONTRIBUIÇÕES MENSAIS .....</b>	<b>31</b>
<b>7. REUNIÃO MENSAL COM TREINAMENTO DOS EDUCADORES POPULARES .....</b>	<b>33</b>
7.1. Canais de Participação .....	33
7.2. Manter Vivo o Sonho.....	34
7.3. Os Educadores Populares .....	35
<b>8. ESTUDOS DO ESTATUTO SOCIAL, REGIMENTO INTERNO, CÓDIGO DE ÉTICA E MATERIAIS PEDAGÓGICOS. ....</b>	<b>37</b>
8.1. O Estatuto Social da COOHABRAS.....	38
8.2. O Regimento Interno da COOHABRAS.....	38
8.3. Código de Ética e Conduta .....	38
8.4. Materiais Pedagógicos .....	38

## **OS ERROS DOS COOPERATIVADOS INICIANTE..... 41**

1. Trazer às Assembléias as construtoras para falarem sobre os custos dos imóveis. ....	41
2. Pesquisar preços de lotes nos primeiros meses da cooperativa. ....	42
3. Fazer simulação de financiamento habitacional nos primeiros meses da cooperativa. ....	42
4. Não seguir as orientações da Assessoria.....	43
5. Esperar que a Diretoria faça tudo pela Cooperativa Habitacional.....	43
6. Não depositar a contribuição mensal por dúvida. ....	44
7. Achar que a sua presença não é importante.....	44
8. Não reservar a data da Reunião Mensal. ....	45
9. Perpetuar-se na Coordenação ou na Secretaria do grupo. ....	46
10. Tentar reinventar o processo cooperativista habitacional. ....	46
11. Dar ouvidos a quem não entende de cooperativismo habitacional. ....	47
12. Não articular toda a família no projeto da cooperativa habitacional. ....	48
13. Não realizar eventos promocionais (trabalho social). ....	48
14. Não participar ativamente dos momentos de treinamento com o Educador Popular na reunião mensal.....	49
15. Não ler livros sobre cooperativas habitacionais e cooperativismo. ....	50

<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>51</b>
--------------------------	-----------

<b>A FORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DO COOPERATIVISMO .....</b>	<b>53</b>
--	-----------

1. Considerações iniciais .....	53
2. A formação no Sistema Cooperativista .....	54
3. Limites no processo de formação das cooperativas .....	60
4. Potencialidades no processo formativo nas cooperativas .....	62
5. Considerações finais .....	64

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>66</b>
---	-----------

<b>O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO .....</b>	<b>68</b>
--	-----------

<b>MINUTA DE LEI MUNICIPAL DE FOMENTO AO COOPERATIVISMO HABITACIONAL .....</b>	<b>69</b>
--	-----------

Capítulo I - Do Sistema Municipal de Fomento.....	69
Capítulo II - Do Cooperativismo Habitacional Autogestionário .....	69
Capítulo III - Dos Objetivos e Instrumentos .....	70
Capítulo IV - Dos Integrantes do Sistema Municipal de Fomento ....	71
Capítulo V - Do Fomento ao Desenvolvimento do Cooperativismo Habitacional Autogestionário.....	71
Capítulo VII - Da Aplicação da Política Municipal de Fomento ao Cooperativismo Habitacional Autogestionário.....	72

<b>OS AUTORES.....</b>	<b>73</b>
------------------------	-----------



Um velho construtor estava para se aposentar, então contou os seus planos para o seu chefe; queria parar de trabalhar para passar o resto de seus dias mais tranqüilo e no aconchego da família. Ele, inicialmente, sentiria falta do trabalho a que estava acostumado, mas necessitava da aposentadoria.

O dono da construtora para quem ele trabalhou muitos anos ficou triste em saber que perderia um de seus melhores empregados e pediu-lhe um último favor: que construísse uma última casa. E o velho construtor concordou. Mas, conforme o tempo passava todos percebiam que os seus pensamentos e o seu coração já não estavam com o mesmo ânimo para o trabalho de construir casas.

Conforme o tempo passava, o empenho do construtor estava diminuindo, ficou desinteressado, desanimado, utilizou mão-de-obra barata e material de qualidade inferior. E, desse modo, encerrou sua carreira como construtor de casas, de maneira lamentável.

Ao término do trabalho o dono da construtora veio inspecionar o imóvel, mas antes de entrar para verificar a casa, entregando a chave para o velho construtor, disse:

- Essa casa é sua, aceite-a como meu presente depois de muitos anos de trabalho e convivência comigo, é um presente meu para você!

Na mesma hora que ouviu tudo isto o construtor ficou com vergonha. Se ele soubesse que estaria construindo a sua própria casa teria tido mais cuidado, teria feito diferente, teria caprichado mais, teria se empenhado para um resultado final melhor.

Daí, então, teve consciência que teria que morar ali com sua família pelo resto de seus dias numa casa feita com menos cuidado que todas as outras que ele fez para os outros.

Pense na sua vida dessa forma. Pense em você como um construtor, cada dia colocamos um tijolo para construirmos a casa da nossa vida. Cada dia você martela um prego novo, coloca uma porta, abre uma janela, levanta uma parede. A nossa vida é um projeto, faça você mesmo e torne realidade. Nossa vida de hoje é resultado de nossas escolhas e ações do passado, portanto, nossa vida de amanhã será o resultado das nossas escolhas do presente.

# A CASA INVISÍVEL

(Um novo jeito de olhar o déficit habitacional)



Hoje no Brasil existem quase 9 milhões de casas invisíveis. Ninguém vê essas casas, mas elas existem. Estão espalhadas por todo o país, em todas as cidades, bairros, ruas...

Algumas pessoas preferem dar outro nome para essas casas, chamam de déficit habitacional, deve ser para complicar! Todavia, algumas pessoas já estão vendo essas casas, pois desenvolveram uma habilidade especial, estão aguçando os sentidos.

Essa visão que trazemos aqui é a habilidade de ver o que os outros não conseguem ver. Habilidade é a aptidão ou capacidade para fazer algo. Estas duas características são fundamentais para quem se desafia a enfrentar o déficit habitacional. Aos que não possuem esta habilidade, nosso discurso pretende despertar dessa cegueira, pois gostaríamos muito que todos vissem o que vemos. Queremos que outros façam o que nós fazemos.

Desejo profundamente que este texto – discurso visionário, com toda a modéstia – seja a lente necessária para fazer ver o déficit habitacional em suas quatro dimensões: 1) os problemas que muitas pessoas têm quanto à falta imediata e urgente de moradia; 2) a co-habitação que obriga várias famílias morar no mesmo ambiente por falta de perspectivas de terem seu lar; 3) a sub-habitação que deixa outras tantas famílias expostas a condições de riscos como o tratamento inadequado de esgoto e a falta de dignidade de não ter o registro de seus imóveis e, por fim; 4) os gastos excessivos que as

demais famílias que compõem estas estatísticas têm com o aluguel cada vez mais abusivo no mercado imobiliário.

Queremos, também, que vislumbrem as alternativas para a construção de moradias populares dignas. As Cooperativas Habitacionais têm levado muitas famílias para seus lares, em processos participativos, de profunda e radical gestão democrática, que mostra a força da organização coletiva na solução do problema habitacional. São muitos anos de experiências bem sucedidas em várias cidades, de diferentes realidades socioculturais, o que demonstra a replicabilidade e a flexibilidade do programa em se adaptar as mais diversas circunstâncias econômicas das famílias envolvidas.

O déficit habitacional é um dos maiores problemas a ser enfrentado hoje para a melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores brasileiros. Como são mais de 9 milhões de moradias necessárias para sanar a demanda, isso exige de todos atitudes urgentes e em larga escala.

Acentua-se mais a gravidade desse déficit quando falamos de famílias com renda entre um e três salários mínimos, pois estão suscetíveis a outras vulnerabilidades além da moradia, tais como: alimentação, vestuário, cultura e lazer, transporte, entre outros. Diante disso ainda temos muitos agentes do Poder Público que não enxergam estes números como preocupantes e não acham relevante desencadear ações consistentes para diminuição destes índices em seus municípios.

A impressão é que o déficit habitacional parece ser invisível.

Basta andar pelas periferias das cidades para visualizar a degradação da vida, expressa nas construções de casas sem as condições mínimas de habitabilidade. Onde famílias habitam casebres feitos de entulhos, de materiais catados no lixo, construídos em áreas irregulares, áreas de risco e áreas que seriam destinadas à preservação ambiental. Acarretando, deste modo, degradação do meio ambiente e da vida humana.

Se os gestores públicos não querem ver, o povo trabalhador vê e sente. E tem agido sobre esta realidade a fim de resolver seu problema de moradia. O método utilizado para isso é o Cooperativismo Habitacional. Famílias que se unem para construir suas novas casas, de forma coletiva, aglutinam recursos financeiros suficientes para adquirir seus lotes, regularizá-los e urbanizá-los, financiar suas casas junto a órgãos financiadores e por fim, habitar com dignidade.

Embora este processo já esteja em ação há alguns anos, ainda não é per-

ceptível. As obras das Cooperativas Habitacionais são vistas como apenas mais uma construção. A identidade coletiva só é notada pelos cooperativados e cooperativadas. A maioria da comunidade, de modo geral, não consegue ainda identificar as características que a diferenciam. Este é um desafio para os grupos cooperativos: tornar público e notável que sua casa é construída de forma coletiva, mais barata, através de um processo ético, inovador, inclusivo e com dignidade, onde muitos outros poderão se espelhar e conquistar sua moradia.

Em suma, não se vê o problema – o déficit habitacional – e não se vê uma das mais consistentes soluções – o Cooperativismo Habitacional. A falta de moradia e as moradias construídas pelas cooperativas são invisíveis? Ou está faltando sensibilidade para enxergar o problema e a solução?

O maior interesse deste nosso texto é mostrar aos gestores públicos e a todas as entidades interessadas, as novas perspectivas quanto a políticas públicas e ações do Terceiro Setor no campo da habitação e reacender nas pessoas sem moradia a chama do sonho da casa própria!

Nós da Cooperativa Habitacional Central do Brasil propomos a organização e articulação de recursos e pessoal em todo o Brasil nas seguintes ações:

**PARTICIPAÇÃO:** Não se constrói nada coletivo sem participação. Imaginar um projeto coletivizante sem articular as forças sociais que devem se envolver é uma ilusão. O povo precisa reaprender a fazer parte das soluções de seus problemas. A COOHABRAS assume esta tarefa pedagógica imperativamente ética.

**AUTOGESTÃO:** Quem vai morar na casa é que deve dizer com a casa deve ser. Para a COOHABRAS não faz sentido um agente externo definir o modelo construtivo, o valor das parcelas do financiamento ou o local onde construir, sem consultar o público alvo do projeto.

**CONTRIBUIÇÃO:** Queremos ser um canal de investimento e independência financeira. Com as contribuições dos próprios cooperativados se dá o ponta-pé inicial, desvinculando estas famílias do assistencialismo estatal, devolvendo-lhes assim, a dignidade.

**EDUCAÇÃO POPULAR E ARTICULAÇÃO SOCIAL:** Conectar todas as entidades que já existem no Brasil e que tem, dentro de si, uma demanda oculta na área habitacional é o interesse da COOHABRAS. Vamos partilhar nosso sistema de educação com estas entidades e capacitar agentes para desenvolver projetos habitacionais de acordo com cada necessidade local. Nossos Educadores Populares e Articuladores Sociais serão o elo entre a COOHABRAS e as famílias sem lar.

## Como Organizamos as Famílias Sem Casa na COOHABRAS?

### CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO

O Círculo de Cooperação é o espaço de participação da Cooperativa Habitacional Central do Brasil – COOHABRAS. É um grupo motivado, organizado por um Articulador Social e assessorado por um Educador Popular com o objetivo de arrecadar recursos financeiros e definir o modelo de imóvel a ser construído para os seus participantes.

Este nome – Círculo de Cooperação – deriva da idéia de que neste grupo todos tem a mesma oportunidade de participar, todos vão se conhecendo e construindo juntos os seus sonhos de moradia. É no Círculo de Cooperação que se constrói a idéia de coletividade, tão importante para uma cooperativa habitacional, mas tão esquecida no cotidiano das famílias que tentam de várias maneiras resolver o problema de moradia de forma isolada, sem resultado.

A descoberta de que o problema da falta da “Casa Própria” não é um problema individual, mas coletivo, faz com que se crie a consciência de que a solução também deve ser coletiva e não individualizada. Os Círculos de Cooperação são o instrumento de solução coletiva de quem não tem onde morar.

### GRUPO DE INCORPORAÇÃO

Todos os cooperativados que já depositaram quantidade suficiente de Cotas-terreno para fazer parte de algum projeto arquitetônico em obras da COOHABRAS serão agrupados no Grupo de Incorporação. O Grupo de Incorporação é um coletivo de famílias que estão ligados com uma obra específica da COOHABRAS, ou seja, já arrecadaram recursos suficientes para a compra do lote e agora vão construir suas moradias.

Para garantia das famílias e da cooperativa habitacional é feito um registro de cada família que compõe o grupo e estas se vinculam definitivamente a obra em andamento. Neste período de construção poderá haver mudanças nos valores e taxas a serem pagas mensalmente por cada cooperativado para dar o devido suporte financeiro ao seguimento das obras do empreendimento.

### EDUCAÇÃO POPULAR

A COOHABRAS não acredita em projetos de organização social sem processos de educação popular. Para isso criou em sua estrutura, desde sua fundação, a Diretoria Pedagógica, que é responsável por todo o trabalho educativo da cooperativa. Desde a elaboração dos materiais para o Kit de

Admissão até a execução dos Cursos para Educadores Populares.

O cuidado que a COOHABRAS tem em educar seus cooperativados é um diferencial importante e fundamental para que cada pessoa que se aproxime do cooperativismo habitacional possa entender melhor o projeto que estará participando. A compreensão do projeto garante uma participação consciente e ativa dos cooperativados em seus grupos.

A práxis pedagógica da COOHABRAS tem como base os princípios da Educação Libertadora, inspirada em Paulo Freire – um dos maiores educadores brasileiros –, que inaugurou um novo jeito de pensar e fazer a educação onde as pessoas consigam ler as palavras e o mundo, para transformá-lo.

Este é o projeto que estamos construindo para garantir um canal de acesso, não a moradia apenas, mas a um direito negado a muitas famílias brasileiras. Que em nossos esforços possamos olhar com mais cuidado e responsabilidade para aquelas famílias que não possuem ainda uma casa, um lar.

Ivanio Dickmann e Ivo Dickmann

# COMEÇANDO A CAMINHADA



A organização de grupos dentro da Cooperativa Habitacional Central do Brasil é uma tarefa que demanda o seguimento de alguns passos que tornarão o processo mais consistente e seguro. É importante que todo cooperativado, articulador social e educador popular tenham sempre em mente estes passos, pois assim, estarão conduzindo as famílias que se aproximarem da COOHABRAS por um caminho seguro até sua casa.

Seguir os passos é uma maneira de acertar na organização dos Círculos de Cooperação e Grupos de Incorporação. É pisar no mesmo caminho onde outros agentes de mobilização social já pisaram, é seguir a trilha daqueles que consolidaram este processo de organização social no interesse de colocar as famílias sem moradia dentro de um lar.

Por isso, é preciso fazer já! Quanto mais se protela o início dos trabalhos, mais se compactua com a falta de dignidade das moradias de muitos habitantes sem casa, de aluguel, em sub-habitação e co-habitação.

Abaixo segue a descrição desta metodologia desenvolvida e utilizada pela COOHABRAS na organização de grupos, com a qual desejamos contribuir para que, cada vez mais, surjam mais articuladores sociais, educadores populares, gestores públicos e cooperativados interessados nessa forma de enfrentamento do déficit habitacional.



# MATERIAL DE DIVULGAÇÃO NA IMPRENSA LOCAL E REGIONAL.



É fundamental que a comunidade saiba que a COOHABRAS vai organizar seus grupos na cidade. Isso se faz através de divulgação massiva nas rádios comunitárias e regionais, nos jornais locais, com cartazes e panfletos. A mídia escrita e falada é de suma importância, pois a população escuta rádio e lê jornal.

## 1.1. Entrevistas em Rádio e Jornal

Quem deve prestar entrevistas a estes órgãos de imprensa é um articulador social ou um educador popular da COOHABRAS que domine o assunto, esteja familiarizado com a proposta em implementação para evitar que as informações sejam dadas de forma errônea ou equivocada. A comunidade ouve entrevistas sobre habitação com atenção.

Se alguma informação for dada errada é como jogar penas ao vento. E haverá cobrança das palavras ditas. Por isso a importância do cuidado com estes momentos de divulgação via rádio. No jornal é recomendável solicitar aos repórteres que enviem a matéria para uma leitura preliminar antes da publicação. Normalmente quem ouve pela primeira vez a proposta tende a supor ações futuras que não foram ditas pelo entrevistado.

A COOHABRAS tem preparado materiais para ser usado para as entrevistas no rádio e nas reportagens de jornais. Solicite-as ou baixe do site da COOHABRAS na internet, [www.coohabras.org](http://www.coohabras.org) e use somente materiais

oficiais da cooperativa. A COOHABRAS não se responsabilizará por informações prestadas a partir de materiais elaborados sem sua supervisão.

Todo cuidado é pouco quanto à palavra de uma liderança na qual a comunidade confia. Seu discurso pode ser rumo seguro àqueles que seguem suas informações.

## **1.2. Cartazes e Panfletos**

Outra maneira de divulgação que tem dado excelente resultado é a distribuição de cartazes junto às empresas do município, uma vez que estas aglutinam, em seu corpo de colaboradores, grande parte do público alvo desta ação social de cunho habitacional.

Estes cartazes e panfletos são fornecidos pela COOHABRAS a seus agentes por preço de custo para facilitar a divulgação da cooperativa. Eles foram feitos por uma equipe de comunicação experiente e de forma que facilite a leitura dos interessados. São diretos, com frases curtas e com um ou dois símbolos que chamem a atenção de quem não tem moradia, como por exemplo, uma casa, um prédio ou um sobrado. Desta forma as pessoas ficarão interessadas e lerão no cartaz a data da reunião explicativa, o horário e o local do encontro.

Os Cartazes e Panfletos têm uma única intenção que é garantir que as famílias fiquem sabendo da reunião e participem dela. A presença destas famílias é o estopim da futura participação delas na Cooperativa Habitacional.

# 2 ARTICULAÇÃO DAS ENTIDADES MUNICIPAIS.



Enquanto se faz a divulgação para a reunião que se dará com a comunidade em geral, é muito importante articular as entidades representativas do município em torno deste projeto da COOHABRAS. Um projeto que nasce articulado tem mais força e sustentabilidade, portanto mais chances de dar certo. As entidades que abaixo citaremos conseguem mobilizar a comunidade pela história de contribuições que vêm construindo com o passar dos anos. As pessoas confiam em sua voz e em suas sugestões.

## **2.1. Entidades Representativas Locais**

Por entidades representativas entende-se a Associação Comercial e Industrial, as Igrejas e Seitas, as Cooperativas de Crédito e de Produção, os Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, as Associações de Bairro, Grêmios Esportivos e Recreativos, Hospitais, Representantes da Segurança Pública (Polícia Civil e Brigada Militar), Chefia de Empresas, Lions Clube, Rotary Clube, Bancos Estatais e Privados, Entidades Assistenciais e Beneficentes, Congregações Religiosas, Lideranças Populares, ONGs, entre outras.

O papel destas instituições é colaborar na chamada pública e na divulgação junto à comunidade para estimular a participação nas reuniões de explicação da proposta que estará sendo apresentada em audiência pública. A força social destas entidades contribui para o bom andamento do projeto e para o seu enraizamento junto à comunidade como um todo.

Nesta reunião com as entidades será feito um detalhamento do projeto

para que seus representantes tenham a convicção da relevância do projeto para a comunidade. Conhecendo a proposta de fomento ao Cooperativismo Habitacional as entidades poderão se organizar para disseminar a idéia junto às famílias envolvidas em seus projetos e trabalhos, seus clientes, seus funcionários e colaboradores, seus voluntários, agentes sociais e lideranças que não tem moradia.

Neste passo, não se deve excluir nenhuma entidade, independente de sua atuação comunitária. A permanência no acompanhamento das ações do projeto é uma escolha posterior que cada entidade ou liderança vai fazer por conta própria, para que, sendo assim, ninguém possa falar que não faz parte ou que é um projeto só de alguns.

É importante ressaltar que a atuação dos cooperativados, articuladores sociais e educadores populares da COOHABRAS nunca deve ser desvinculada das demais entidades que já existem nas comunidades. Temos muito interesse nas parcerias pois acreditamos no desejo sincero que estes agentes sociais que nos antecederam tem de transformar sua sociedade em um ambiente justo e inclusivo. E nisto temos muita sintonia de projeto para o Brasil.

# 3 APRESENTAÇÃO DOS PROJETOS DA COOHABRAS PARA A COMUNIDADE.



Este é o grande momento de partilha da proposta desta nova matriz habitacional para o município. É a abertura oficial que determinará os rumos da política pública, das organizações sociais, para aqueles e aquelas que não têm moradia. Este evento, que foi anteriormente divulgado, reúne um grande público participante que vem curiosamente conhecer a proposta de organização de grupos da Cooperativa Habitacional.

O Articulador Social e/ou o Educador Popular fará três vezes esta reunião com a comunidade. No final do primeiro encontro todos os participantes são motivados a convidar seus amigos, vizinhos, colegas de trabalho e parentes que não possuem moradia para vir junto na segunda reunião ouvirem e conhecerem a proposta. Na terceira se faz novamente um resumo da proposta e encaminha-se o cadastramento dos cooperativados e a organização dos Círculos de Cooperação e Grupos de Incorporação.

Muitos participantes vêm com a idéia de que a prefeitura iniciará novos loteamentos, ou estará disponibilizando casas populares gratuitamente. A reunião, portanto, tem duas funções:

### **3.1. Esclarecer que não se trata de doação de casas ou terrenos pelo Poder Público.**

É muito comum a família que precisa de casa e de terreno recorrer ao Poder Público e pedir de graça uma moradia. Durante muitos anos os gestores municipais utilizaram a doação de moradias como uma forma de co-

opção social. Hoje com as mudanças da legislação e com a grande demanda no setor habitacional não há mais essa possibilidade.

É preciso construir programas onde a comunidade participe com uma parcela na organização do projeto e contribua financeiramente para agilizar o andamento do processo. No Cooperativismo Habitacional as famílias sem moradia participarão ativamente da gestão do grupo e do pagamento de seus lotes e suas casas.

A COOHABRAS poderá até fazer parcerias com o Poder Público local, mas ela não depende dele para iniciar seus projetos em qualquer cidade. Ela é totalmente autônoma em sua atuação junto a comunidade sem casa.

## **3.2. Explicação do que é uma Cooperativa Habitacional, como funciona uma Cooperativa Habitacional e quem pode participar do projeto.**

### **3.2.1. O que é uma Cooperativa Habitacional?**

*Organização sem fins lucrativos:* Uma cooperativa gera lotes e constrói casas a preço de custo. Não lucra sobre as unidades habitacionais de seus cooperativados e cooperativadas.

*Mínimo de 20 pessoas associadas:* Conforme a Lei do Cooperativismo (Lei 5.764/71) as Sociedades Cooperativas devem ser compostas de, no mínimo, 20 sócios. O limite máximo está subordinado à possibilidade de gestão do próprio grupo.

*Grupo de pessoas (famílias) com um problema comum (moradia):* Na Cooperativa de Habitação as famílias ou pessoas envolvidas querem um terreno ou casa.

*Juntam-se para resolver este problema:* A cooperativa é o espaço de solução do problema de habitação. Não é uma experiência nova, já está comprovado que funciona, muitas famílias já adquiriram seus lotes e casas por este sistema.

*Poupança Conjunta (contribuição mensal):* Para comprar uma área de terra é preciso juntar recursos. Isto é feito através da poupança conjunta do grupo pela contribuição de cada cooperativado e cooperativada. Todos depositarão um valor definido pelo grupo mensalmente na conta da cooperativa. Com este recurso a cooperativa comprará a futura área para todos morarem.

*Solução em médio prazo:* No processo de Cooperativismo Habitacional são necessários mais ou menos dois anos para adquirir a área de terra. Algumas cooperativas já compraram antes de dois anos e outras levam mais tempo. Depende da área a ser adquirida e do sistema construtivo escolhido pelo grupo. É importante que as famílias se conscientizem que não é um processo imediatista. Que é preciso persistência e paciência para ter uma

casa. Na vida tudo exige sacrifício, na cooperativa não é diferente, porém, com a força de todos aglutinada num projeto sério e consistente o tempo e os recursos são maximizados e o sonho da casa própria chega antes.

*Um projeto que tem início, meio e fim:* O que queremos dizer com isso é que o INÍCIO é a organização dos grupos, a explicação de como o sistema funciona; o MEIO são as reuniões mensais dos grupos, as contribuições na poupança conjunta, e o FIM é a construção das casas e todos os cooperativados com seu lar. Em outras palavras significa que o projeto começa e seu término é de acordo com o planejado

### **3.2.2. Como funciona e quem pode participar de uma Cooperativa Habitacional?**

*Pessoas/famílias que precisam de moradia:* A necessidade de moradia é o princípio básico das pessoas que participam de uma cooperativa habitacional. A cooperativa de Habitação dá a possibilidade da família planejar os imóveis de seus filhos e assim garantir a quebra geracional da pobreza. Se alguma família tiver casa ou terreno em outro município poderá participar sem problemas, pois é muito comum os trabalhadores migrarem para centros urbanos onde tem demanda por mão-de-obra e ficarem muitos anos pagando aluguel.

*Maiores de 18 anos:* Para participar de uma cooperativa é preciso ser maior de idade ou emancipado nos termos da Lei.

*Capacidade de contribuir com a poupança conjunta:* Para ter recursos na poupança conjunta é preciso contribuir mensalmente com as Taxas e com as Cotas definida pelo grupo. É com este montante que a cooperativa comprará a área de terra. Todos têm que depositar todos os meses. Com este gesto as famílias se libertam do assistencialismo estatal e tomam seus sonhos nas mãos.

*Possibilidade de participar nas reuniões mensais:* Todas as decisões dos Círculos de Cooperação e dos Grupos de Incorporação são tomadas na reunião mensal do grupo, portanto é preciso participar ativa e vivamente desta importante reunião mensal do grupo. Com a presença, as decisões que se vão tomando trarão em si os desejos do grupo e não o desejo de alguns. A participação garante também a pluralidade de opiniões.

*Responsabilidade e desejo de aprender:* Em um processo onde muitos sonhos estão envolvidos é preciso muito cuidado com o sonho dos outros. Não é possível deixar de lado durante um mês as definições da cooperativa, porque elas representam uma tentativa de dar mais um passo em direção do sonho. O desejo de aprender é fundamental porque sabemos que ninguém nasce sabendo participar de uma cooperativa. Portanto teremos muito pra aprender neste novo processo que estaremos iniciando. Todos têm aprendido muito rápido. É sempre assim, se nos interessa a gente aprende.

Esta apresentação é feita pelos articuladores sociais e/ou educadores populares da COOHABRAS, que foram treinados e capacitados para realizar esta tarefa de maneira a garantir a compreensão dos participantes. É preciso dominar o tema para fazer uma boa apresentação que leve as famílias a visualizar a saída do problema da falta de moradia. A reunião dura em torno de uma hora e trinta minutos e está dividida em dois momentos que são: a) explicação dos projetos da COOHABRAS; b) debate final tirando dúvidas da comunidade.



Esta Ficha de Inscrição tem dois objetivos. O primeiro é a quantificação, ou seja, quantas famílias estão interessadas em participar do projeto e em segundo a organização de um banco de dados que será necessário para a preparação da documentação pertinente a adesão de cada novo cooperativado junto a COOHABRAS. É neste momento que se terá a noção da demanda que o projeto abrangerá, quantos Círculos de Cooperação ou Grupos de Incorporação nascerão da mobilização da comunidade local.

Assim também se saberá quantos agentes da COOHABRAS serão necessários para acompanhar o projeto via Educação Popular e para auxiliar os grupos. Esses dados têm que ser digitados no site da COOHABRAS pelo articulador social ou educador popular para completar o cadastro do cooperativado e efetuar a emissão dos boletos de pagamento e a emissão do kit de adesão com os materiais de boas vindas para cada cooperativado.

Não é aconselhável fazer este cadastro na primeira reunião pública, porque isto causaria uma expectativa desnecessária quanto aos fins do projeto. E, como anunciamos antes, muitos não retornarão para os próximos encontros em função dos esclarecimentos a que a reunião se prestará. O cadastro tem a finalidade burocrática, então, deixemos para o devido momento.

Com o cadastramento, as famílias começam a se localizar quanto ao grupo da Cooperativa Habitacional que pertencerão. Começam a olhar os membros do grupo como futuros vizinhos. Isso causa uma sinergia no grupo. Todos começam a levar o projeto a sério, porque percebem que agora as direções estarão cada vez mais em suas mãos. O cadastramento dos cooperativados é o primeiro passo formal para início desta nova caminhada iniciada por estas famílias.

# 5 ORGANIZAÇÃO DOS CÍRCULOS DE COOPERAÇÃO E/OU GRUPOS DE INCORPORAÇÃO.



Deste ponto em diante é hora da constituição prática dos grupos da COOHABRAS com as famílias interessadas.

Escolhe-se o nome do grupo e o valor da contribuição mensal. Constitui-se a primeira equipe de coordenação – composta por quatro pessoas cooperativadas. Estas lideranças serão os primeiros que assumirão a coordenação do grupo.

## 5.1. Nome dos grupos

A escolha do nome do grupo deve ser um momento dinâmico que diverte e interessa a todos, pois batizar um projeto de tanta relevância em suas vidas é muito agradável.

Os Educadores vão pedir que se façam várias sugestões de nomes que vão sendo listados em um quadro, ou papelógrafo, ou projetado com datashow. Após todas as sugestões serem registradas começa-se uma votação para ver quais foram os nomes que mais agradaram aos participantes.

Fica-se com os três mais votados e se procede à nova votação. O nome que tiver mais votos será registrado em ata como o Nome do Círculo de Cooperação ou Grupo de Incorporação. Os dois nomes que ficaram em

segundo e terceiro serão guardados como reserva em caso de colidência de nome nos cadastros da COOHABRAS. Ou seja, se já houver outro grupo com este nome escolhido ele será substituído automaticamente pelo segundo e se acontecer o mesmo com este será usado o terceiro.

## **5.2. Contribuição Mensal**

Para a escolha da contribuição mensal o procedimento é o mesmo da escolha do nome do grupo, porém serão listados os valores pensados pelos novos cooperativados. Visualizam-se as sugestões e vota-se. Normalmente há uma predominância de votos em direção a um valor.

Neste instante é preciso muita cautela do educador popular para fazer com que o grupo entenda que não é uma questão de juntar mais dinheiro todo mês e votar no valor mais alto das sugestões. É preciso que todos compreendam que o valor tem que ser acessível a todas as famílias participantes.

Esta clareza possibilita que famílias com renda menor possam participar do grupo e terem suas casas junto com quem tem renda um pouco maior. E normalmente a diferença de renda das famílias participantes é muito pequena, pois se percebe que as sugestões de valores das cotas-partes variam pouco, o que torna fácil o ajuste para um valor intermediário de contribuição.

É recomendável que se chegue ao valor através de amplo debate e que todos se sintam contemplados e inseridos no processo. O consenso neste momento seria o melhor resultado, porém, não sendo, procede-se à votação e o valor é definido. É sempre bom dar dicas de como economizar para poder garantir a contribuição mensal da cooperativa. Estas dicas ajudam as pessoas a visualizar de onde tirarão o dinheiro para terem suas futuras moradias.

Outra alternativa neste sentido é deixar cada cooperativado livre para contribuir com a quantia que desejar. Isto evita a necessidade de se fazer este procedimento de votação, porém pode trazer dificuldades de arrecadação de recursos, pois valores diferentes poderão fazer com que o grupo demore mais para aglutinar fundo suficiente para a compra do lote, uma vez que, neste caso, poderão prevalecer contribuições menores que a média da decisão coletiva.

## **5.3. Coordenação e secretaria**

Para a definição da coordenação e secretaria do grupo procede-se da seguinte maneira. Solicita-se aos interessados a organização de uma comissão de mais ou menos oito ou dez pessoas para ajudar a pensar quem poderia compor a coordenação e a secretaria. Esta comissão se encontra em outro momento, anterior a próxima reunião e traz uma lista de nomes como sugestão para serem os primeiros a coordenarem o grupo.

Esta lista é apreciada por todos que podem sugerir novos nomes, modificar alguns e, depois dos ajustes, é posta para a aprovação em votação pela assembléia e registrada em ata os nomes e as respectivas funções.

Para cada Círculo de Cooperação e/ou Grupos de Incorporação a COO-HABRAS recomenda escolher um coordenador, um vice-coordenador, um secretário e um vice-secretário. Estes membros do grupo terão a função de ajudar o Educador Popular em cada reunião mensal. Aos coordenadores caberá a condução da reunião, organização do espaço físico, reserva da sala, e serão os contatos para informações. Já aos secretários caberá o registro das atas das reuniões, todas as decisões tomadas coletivamente devem ser registradas neste importante livro do grupo. Poderão apresentar mensalmente o saldo do grupo de cotas-terreno e motivar a participação de todos, pois será de seu dever o cuidado com o Livro de Presença.

Neste momento também se deve definir o dia que a cooperativa se encontrará em cada mês, quando será a próxima reunião da coordenação, secretaria e Educador Popular que prestará a assessoria para este grupo recém organizado.

A data de reunião mensal deve ser definida em dia que todos possam participar. Normalmente, se fixa um dia no final de semana (por exemplo: terceiro sábado do mês, terceiro domingo do mês...), posterior aos depósitos na poupança conjunta para que a secretaria possa fazer a prestação de contas atualizada. A coordenação podem se encontram antes da reunião mensal para organizar a pauta da reunião e definir outros detalhes pertinentes com o auxílio de seus assessores que estarão presentes.



# 6 INÍCIO DAS CONTRIBUIÇÕES MENSAIS



A principal diferença entre o programa da COOHABRAS e as antigas políticas habitacionais de geração de loteamentos e casas populares é este ponto. As famílias participam financeiramente do projeto contribuindo mensalmente para a poupança conjunta da cooperativa. Estes recursos obtidos têm como objetivo a aquisição (compra) de uma área de terra – urbanizada ou não – para a construção das futuras residências. Ou seja, é o grupo que escolhe onde vai morar. Diferentemente dos projetos prontos que eram impostos à população onde ela não podia escolher o local e nem o modelo de residência.

O valor desta contribuição mensal é definido nos encontros mensais de forma coletiva, levando em conta a possibilidade financeira das famílias envolvidas, como já explicamos. O valor é registrado em ata e poderá ser modificado a qualquer tempo, desde que haja o consenso dos cooperativados e cooperativadas. Esta contribuição reeduca os membros dos grupos para uma nova consciência quanto à economia familiar. Faz com que as pessoas aprendam a guardar dinheiro para as coisas mais relevantes de suas vidas, como é o caso da habitação.

Esta contribuição se inicia logo após o pagamento integral da taxa de admissão. A COOHABRAS, através de seu departamento financeiro e tesouraria, enviará aos cooperativados e cooperativadas os boletos para depósito em conta da cooperativa. Cada um poderá acompanhar o acúmulo de suas cotas pelo site da entidade. Isso garante a transparência na prestação de contas da cooperativa.

Isso faz com que todos se comprometam ainda mais com o grupo, uma vez que se envolvem no processo quantias de dinheiro de cada um dos membros.

A contribuição mensal é um exercício novo para cada membro do grupo. É preciso tomar muito cuidado no acompanhamento dos depósitos e na cobrança dos atrasos que poderão existir. O trabalho de motivação do Educador Popular, dos coordenadores e secretários é muito importante para manter todos em dia com suas contribuições.

O Regimento Interno deve ser seguido à risca quanto às definições de atraso das contribuições. Em todas as reuniões mensais deverá haver a prestação de contas ao grupo de quanto é o montante acumulado na poupança coletiva do grupo. Isso tranqüiliza a todos, ao mesmo tempo em que motiva ao ver mensalmente o valor da poupança conjunta crescendo, fruto dos esforços de todos e todas.

Poupar juntos é fundamental para a aquisição da área de terra. Depois que os grupos começam a depositar, reconhecem o quanto tinham força econômica, porém, esta força estava dispersa. A cooperativa unifica e direciona esta força para um sonho comum: a casa própria.

# REUNIÃO MENSAL COM TREINAMENTO DOS EDUCADORES POPULARES



A reunião mensal é o momento onde os novos cooperativados e cooperativadas exercitam tudo o que aprenderam no decorrer dos passos anteriores. É nos encontros mensais que os grupos se fortalecem e aprendem a viver em cooperativa. Passa-se da idéia para a ação, do ideal para o real, da teoria para a prática cooperativista.

Todas as decisões do Círculo de Cooperação devem ser debatidas em seus pontos positivos e negativos, e o espaço para este debate é a reunião mensal. O que não for decidido por consenso vai para a votação da planária, onde cada um tem o direito de um voto. A maioria (2/3) elege a decisão a ser encaminhada pela Diretoria. É na reunião que se presta contas das presenças e faltas, e das contribuições dos cooperativados e cooperativadas.

É preciso criar canais de participação, manter vivo o sonho a cada reunião e permanecer em constante postura de aprendizagem. Vamos entender melhor estes elementos fundamentais das reuniões mensais.

## 7.1. Canais de Participação

Não basta reunir todos os cooperativados e cooperativadas em uma sala e imaginar que todos se sentirão à vontade para expor suas idéias. Como no dia-a-dia não se exercita a participação, precisamos começar aprender

a participar. Esta aprendizagem é mais rápida para alguns e mais lenta para outros. Portanto, cabe ao grupo compreender as limitações de cada um para melhor conduzir o grupo na direção do amadurecimento daqueles que ainda tem dificuldade de se expressar.

Estes canais podem e devem ser construídos a cada reunião do grupo, através de técnicas de expressão corporal, de exercícios de oratória, de conversas e cochichos em sub-grupos para debater um tema em questão, leitura de pequenos textos, de perguntas e respostas, aonde cada participante da cooperativa vá, aos poucos, entrando nesta nova dinâmica do exercício da cidadania.

O grupo que se eximir desta tarefa essencial sentirá os limites no futuro, quando precisar tomar decisões importantes e o diálogo será extremamente truncado e demorado. Já os grupos que assumirem o papel de despertar seus cooperativados e cooperativadas farão reuniões mais fluentes e descontraídas. Todos aprendem a participar, basta que lhes sejam oferecidas às oportunidades e os instrumentos necessários. O papel dos Educadores Populares, neste caso, é extremamente importante no auxílio do grupo para a oferta desses instrumentos e oportunidades.

Os Educadores Populares são peça fundamental na construção de canais de exercício de participação dentro dos grupos da COOHABRAS. Sua função é exercitar no grupo esta nova cultura cooperativista. E para isso irão seguir as orientações da Diretoria Pedagógica da COOHABRAS que preparou os materiais pedagógicos para esse fim.

## **7.2. Manter Vivo o Sonho**

Quando estamos construindo algo novo é natural que sintamos um pouco de medo. É assim também com o sonho da “casa própria”: um projeto que envolve o nosso futuro, o nosso dinheiro, a nossa família, enfim, envolve nossa vida toda.

Muitas pessoas que nos conhecem nos incentivarão a participar ativamente do grupo cooperativo, outros nos desestimularão, por falta de informação, por má-fé ou por interesses. Para nos defendermos destes problemas é preciso manter vivo o sonho de nosso novo lar.

Temos a tendência de acreditar com mais firmeza naquilo que conhecemos bem. Portanto, uma dica muito boa é dominar os cálculos de quanto custa um lote e quanto tempo se levaria para comprá-lo individualmente. A estas contas contrapõem-se os números da cooperativa e o quanto economizamos – em tempo e em dinheiro – convivendo em grupo.

Sempre que alguém questionar um cooperativado ou cooperativada este reagirá com tranquilidade, pois participa de um projeto que está lhe dando economia de tempo e dinheiro. Falará disso para seu interlocutor e assim estará se defendendo, defendendo o movimento das cooperativas e

talvez convencendo mais um trabalhador a entrar em um grupo, para que também este, se liberte do aluguel, da casa cedida, da sub-habitação ou da co-habitação, pois todos merecem ter um lar.

Manter vivo o sonho significa, portanto, cultivá-lo dia após dia na certeza da moradia que conquistaremos, na dignidade da participação coletiva, na Cooperativa Habitacional. Não há argumento contra a cidadania que se solidifica na consciência daqueles que aprendem pegar o sonho na mão e construí-lo.

Outro motivo pra os grupos da COOHABRAS se reunir mensalmente é para criar uma constância de contato com o projeto da casa própria. Não podemos ficar esperando alguém fazer por nós. Temos que nos tornar protagonistas deste sonho. Então, para isso, precisamos nos reunir e elaborar este sonho, juntos.

As reuniões mensais criam uma dinâmica de envolvimento em cada cooperativado. Eles aprendem a ter compromisso, a se envolver com algo maior em suas vidas, algo que ele se orgulha de estar participando. Vêem que estão construindo algo para toda a comunidade e não só pra si, mas algo que poderá mudar a vida das próximas gerações, algo grande o suficiente para ele tirar um pouco de seu tempo e se engajar.

### **7.3. Os Educadores Populares**

Ninguém nasce sabendo coordenar uma Cooperativa Habitacional, até mesmo os educadores populares passaram por treinamentos para adquirir experiências para poder desempenhar esta função junto aos grupos sociais organizados. Por isso a implantação urgente de um sistemático processo de formação/capacitação a fim de garantir a sustentabilidade dos grupos.

Estes grupos não podem correr o risco de se desarticularem por falta de acompanhamento. É papel do Educador Popular e do Articulador Social, que está motivando a cooperativa, garantir também o processo de formação e capacitação das novas lideranças que começam a surgir.

Os temas que permeiam este processo de Educação Popular são levantados junto aos grupos num momento denominado Investigação Temática. Na investigação temática se identificam quais são as maiores dificuldades que se colocam à frente do projeto para que o processo de ensino-aprendizagem vá direto ao ponto, e, não se perca tempo com encontros desnecessários.

Além dos problemas levantados pelos cooperativados e cooperativadas, a experiência dos educadores populares em outros momentos de formação também traz sugestões de temas que já foram trabalhados, que servem para dar uma base sólida às novas lideranças quanto ao conteúdo teórico e prático que sustenta o Cooperativismo Habitacional.

Este momento pedagógico é executado com o grupo todos os meses pelo Educador Popular. É importantíssimo que se compreenda que não basta garantir a formação para os líderes. Os membros do grupo precisam do-

minar todos os temas que abrangem o processo cooperativo também, pois logo estarão ocupando os espaços de coordenação e participando, através das reuniões mensais, da cooperativa. Esta participação tem que ser garantida para que não se sobrecarregue a coordenação do grupo.

A formação é voltada à conscientização da importância desta participação coletiva, como fazer valer seus argumentos junto ao grupo, como trazer novas idéias para dentro das reuniões. Estes momentos de Educação Popular são fundamentais para que este projeto se solidifique e dê frutos.

Os momentos de formação são realizados da seguinte maneira na COOHABRAS: o Educador Popular combina com os coordenadores a sua intervenção, antes ou depois dos encaminhamentos do grupo. Utilizando o material pedagógico elaborado pela Diretoria Pedagógica trabalha cada reunião um tema para ir consolidando as novas idéias cooperativistas na consciência de cada cooperativado e cooperativada.

Não acreditamos em projetos de organização social sem processos de Educação Popular. A formação na ação é uma das maneiras mais fáceis de estabelecer ensino-aprendizagem, pois trabalha com questões que cada pessoa envolvida faz no cotidiano da cooperativa, resolve demandas imediatas. Não adianta reunir várias famílias em grupos e deixá-las sem acompanhamento ou assessoria. Isso poderá resultar em situações desastrosas, pois, colocaria uma expectativa no coração destas famílias, que se dissolveria em seguida tornando o problema maior ainda e descredenciando o povo nos processos coletivos.

Já os grupos sociais que contam com acompanhamento sistemático têm conseguido várias vitórias que servem de modelo. O povo aprende rápido a conviver em grupo, basta um estímulo e uma presença motivadora. Este é o papel dos educadores populares no Cooperativismo de Habitação: contribuir na construção da autonomia dos grupos populares, por meio de intervenções qualificadas que cooperam no processo de conquista da liberdade, através da realização do sonho da casa própria.

A Educação Popular é o instrumento utilizado pela COOHABRAS para garantir este processo pedagógico libertador daquelas pessoas que não possuem uma moradia digna. Aprender e ensinar Cooperativismo Habitacional é a tarefa histórica que se propôs a COOHABRAS.

# 8 ESTUDOS DO ESTATUTO SOCIAL, REGIMENTO INTERNO, CÓDIGO DE ÉTICA E MATERIAIS PEDAGÓGICOS.



A COOHABRAS tem uma série de documentos que é muito importante que os cooperativados e cooperativadas conheçam profundamente. São eles: o Estatuto Social, o Regimento Interno, o Código de Ética e os Materiais Pedagógicos. Cada um deles tem uma função e utilidade específica. Eles compõem o arcabouço jurídico da COOHABRAS, são eles as regras a que todos os cooperativados estão sujeitos. E são também eles que garantem os direitos dos cooperativados na COOHABRAS.

Os Educados Populares da COOHABRAS trabalharão, gradualmente, cada um destes documentos com os cooperativados, a fim de garantir sua leitura e compreensão. Pois isso aproximará muito os cooperativados das regras da cooperativa, e assim, todos terão plena consciência de seus deveres e direitos nos projetos da COOHABRAS.

Esta partilha de documentos é parte da estratégia de transparência da Diretoria da COOHABRAS. Se cada cooperativado tem domínio das regras da cooperativa os processos estarão garantidos pelos próprios cooperativados e serão também motivados e multiplicados por estes. Se houvesse, pelo contrário, um velamento de informações, criaríamos um campo de desconfiança em relação ao que se pode ou não fazer enquanto COOHABRAS.

A intenção é que com o estudo geral destes materiais possamos disseminar nossos projetos e construir um corpo de cooperativados que realmente compreendam o projeto que estão participando. Vamos ver abaixo um breve resumo de cada um destes materiais.

## **8.1. O Estatuto Social da COOHABRAS**

É o documento de fundação da cooperativa. É arquivado na Junta Comercial com a Ata de Fundação e a qualificação dos fundadores para registro formal da cooperativa. Nele constam os objetivos sociais, a forma de organização e gestão, a composição dos fundos, as regras para os cooperativados, as regras gerais para participação dos Círculos de Cooperação e Grupos de Incorporação.

Trata também das Assembléias Gerais Ordinárias e Extraordinárias, da representação e participação nelas e sua periodicidade. Este documento estará no Manual do Cooperativado com seu texto na íntegra. Está disponível também no site da COOHABRAS.

## **8.2. O Regimento Interno da COOHABRAS**

É um documento elaborado para detalhar as atividades cotidianas da cooperativa. Complementa e especifica as regras do Estatuto Social. O Regimento Interno da COOHABRAS foi elaborado pela Diretoria e discutido com os fundadores e com grupos de pessoas interessadas nos projetos da COOHABRAS. É um documento que pode ser ajustado de tempos em tempos, pode ser atualizado. Para isso acontecer precisa ser aprovado na Assembléia anual da cooperativa.

Está disponível no site da COOHABRAS e também no Manual do Cooperativado.

## **8.3. Código de Ética e Conduta**

Este documento é um dos mais importantes, pois regra a conduta de cooperativados e cooperativadas, bem como a Diretoria, Conselho Fiscal, funcionários e demais prestadora de serviço da cooperativa.

É um documento que também pode ser atualizado se houver necessidade. É de função da Comissão de Ética a verificação se os preceitos do Código de Ética estão sendo observados. A comissão de ética é composta por todas as partes que ele regulamenta. Está disponível no site da COOHABRAS e também no Manual do Cooperativado.

## **8.4. Materiais Pedagógicos**

Os materiais pedagógicos elaborados pela nossa Diretoria Pedagógica são para os estudos dos grupos nos encontros mensais. Cada cooperativado receberá no seu kit de admissão vários livros, cartilhas, CDs, DVDs, para se aproximar com consistência do cooperativismo habitacional.

Estes materiais servirão de instrumentos para os trabalhos dos Educa-

dores Populares junto aos grupos da COOHABRAS. A Diretoria Pedagógica estará constantemente elaborando mais materiais para os cooperativados conforme forem surgindo as demandas.



# OS ERROS DOS COOPERATIVADOS INICIANTES

Ivanio Dickmann<sup>1</sup>

Este texto tem o objetivo de ajudar os cooperativados e cooperativas a não cometer os erros clássicos daqueles que já fizeram a caminhada anteriormente e que nos ensinam como andar de forma correta. Analisando os erros dos outros, podemos nos prevenir e acertar mais em nossa caminhada para nosso lar. Leia com atenção e grave bem cada um deles, pra não correr o risco de errar também.

## **1. Trazer às Assembléias as construtoras para falarem sobre os custos dos imóveis.**

Normalmente estas empresas enviam seus engenheiros ou arquitetos para fazer uma explicação (propaganda) dos imóveis que já possuem no mercado à disposição ou dos imóveis que gostariam de construir e, assim, lucrar em relação à cooperativa.

Muito cuidado! Estes valores de mercado – que são inacessíveis aos cooperativados – podem assustar aqueles que ainda não compreenderam a força que o grupo tem e que os custos de construção de uma cooperativa habitacional é bem abaixo dos exercidos pelo mercado imobiliário.

O maior risco aqui é a desistência de alguns membros após a apresentação de valores aos quais os cooperativados não terão acesso nem mesmo com financiamento.

Por isso não se recomenda este tipo de contato antes da compra do lote da cooperativa ou na véspera desta compra. Mesmo assim recomenda-se que sejam contatados ou até contratados engenheiros ou arquitetos que tenham mais sensibilidade com os aspectos sociais da obra e que compreenda a necessidade de habitabilidade e as limitações financeiras dos membros da cooperativa.

**ANTÍDOTO:** Esperar o momento certo e escolher o profissional comprometido com a causa da cooperativa.

<sup>1</sup> Presidente da COOHABRAS. (ivaniosocial@yahoo.com.br).

## 2 Pesquisar preços de lotes nos primeiros meses da cooperativa.

Há uma tendência de alguns cooperativados iniciantes de saírem, por livre e espontânea vontade, pedindo o preço de todo e qualquer área de terra que pode, potencialmente, abrigar a futura obra da cooperativa habitacional no município.

Esta procura tem dois efeitos extremamente negativos. Primeiramente é o aumento de preço que estas áreas terão devido à pseudo-demanda que surgirá. “Quanto mais gente procurando terra, mais ela encarece”. Isso pode causar um inflacionamento dos valores dos lotes que poderão causar em seguida um gasto excessivo da cooperativa para poder comprá-lo.

Em segundo lugar, os locais visitados por um cooperativado pode não agradar os demais. Isso causa descontentamento no grupo por achar que um membro escolherá o lugar para todos os outros. Até explicar que foi só uma boa intenção, muitos terão pedido desistência da cooperativa porque não querem morar neste ou naquele bairro.

O primeiro passo da cooperativa é a compra da área, mas esta compra necessita do acúmulo de recursos na poupança conjunta. Todos devem ter paciência para que o mercado imobiliário não reaja de maneira precipitada ao movimento cooperativista almejando lucrar ainda mais.

**ANTÍDOTO:** Controlar a ansiedade para não comprometer futuramente os recursos financeiros da cooperativa.

## 3 Fazer simulação de financiamento habitacional nos primeiros meses da cooperativa.

A ansiedade é inimiga dos processos. Embora a compreensão de que na cooperativa habitacional cada membro terá acesso a sua moradia, isso não é motivo para ir ao banco fazer a simulação de um financiamento habitacional. É como se comprássemos uma rifa de um carro e, chegando em casa, começássemos fazer a garagem antes mesmo do sorteio se realizar. É uma ação insensata.

Esta atitude por parte de alguns membros da cooperativa causa um alarde desnecessário. Uma vez que nem todos no grupo têm a mesma renda, a mesma idade, talvez nem construam moradias iguais, etc., que são fatores que podem variar muito em uma simulação junto aos agentes financiadores.

Também é importante ressaltar que o projeto do grupo pode demorar de dois a quatro anos. Isso causará grandes mudanças nos resultados da simulação atual em relação à simulação futura.

A hora certa de entrar em contato com o agente que financiará a obra será encaminhada junto ao grupo por sua diretoria. Espere pelo sinal.

**ANTÍDOTO:** Mantenha-se sintonizado com os passos da cooperativa. Não se precipite.

#### **4. Não seguir as orientações da Assessoria.**

Se a cooperativa conta com assessoria é porque há pessoas ou entidades que partilham sua experiência com o grupo. Privilegiado é o grupo que conta com este tipo de auxílio de um Educador Popular. Com certeza terá êxito antes que as demais. Pois as orientações de um assessor ou assessora colocam o grupo nos trilhos certos. É possível prever acontecimentos e ações.

Contudo há, por parte de algumas lideranças novas que emanam do processo cooperativista, uma resistência às orientações dos assessores. Não acredito caber julgamento dos motivos desta resistência. O povo tem seus motivos, que respeitamos. Porém, perde-se muito tempo e até dinheiro se esta atitude persistir uma vez que o grupo se perderá do caminho e isto trará péssimos resultados.

Os cooperativados perceberão a desorientação da diretoria e se sentirão inseguros. A insegurança resulta em atrasos das contribuições, faltas nas assembléias e até desistências.

Uma boa relação com a assessoria é estratégica. Ela traz conhecimentos para partilhar com o grupo e fazer o processo dar certo. Os assessores são amigos dos grupos.

**ANTÍDOTO:** Abra-se humildemente a novos conhecimentos. Aprenda com quem já fez.

#### **5. Esperar que a Diretoria faça tudo pela Cooperativa Habitacional.**

Logo no início da organização de uma cooperativa habitacional elege-se a Diretoria. São cooperativados e cooperativadas que se dispuseram a ajudar o grupo em funções de coordenação, secretaria, tesouraria e fiscalização. Neste momento as primeiras lideranças se manifestam no anseio de que o projeto se concretize.

Os demais membros do grupo tendem a confiar nestas pessoas e creditam a elas o comando da cooperativa. A direção assume a sua tarefa. Porém, deve tomar um cuidado extremo para não sobrecarregar-se assumindo todas as deliberações da assembléia. Inconscientemente o grupo vai deixando

tudo para a diretoria fazer. No começo da caminhada quando não há muitas tarefas a diretoria até poderá dar conta, porém, no decorrer do processo isso não será mais possível.

Quem espera que a direção do grupo faça tudo morará na casa que a direção escolher, no lote que a direção escolher, no modelo construtivo que a direção escolher. Você quer que seja assim?

**ANTÍDOTO:** Acostume-se a oferecer-se para executar alguma tarefa a cada assembléia. Com isto estará dando forma e cor a tua casa.

## **6 Não depositar a contribuição mensal por dúvida.**

A confiança é fruto da credulidade. Se o novo cooperativado ainda não acredita no projeto da cooperativa adiará uma ação para ver primeiro e só depois fazer também: o depósito da cota-parte. Isso é muito comum em grupos recém fundados. No primeiro mês o tesoureiro se depara com menos depósitos que o número de cooperativados da lista de inscritos. São os famosos “São Tomés” que estão faltando. Eles querem ver a primeira prestação de contas para saber se as pessoas contribuirão financeiramente ou não.

A relação de confiança não pode estar balizada no dinheiro do grupo e sim na finalidade do projeto. Todas as reuniões anteriores ao primeiro depósito são o espaço para dissipar as dúvidas que eventualmente se tenha. Se alguém, depois de todas as explicações, ainda não acredita no cooperativismo habitacional como alternativa para se ter a casa própria tire seu nome da lista.

A falta dos depósitos pode causar desânimo naqueles que depositaram. É importante que o tesoureiro e o presidente façam uma reflexão sobre a diferença do número de inscritos e os depósitos confirmados. Esta reflexão tem duas finalidades: 1) estimular aqueles que não depositaram a contribuir com a cota-parte e, 2) elogiar sinceramente e eloqüentemente os que já fizeram o primeiro depósito.

**ANTÍDOTO:** Quanto mais informação for disponibilizada desde o início do processo melhor.

## **7 Achar que a sua presença não é importante.**

Crescemos acostumados a ficar distantes das decisões mais importantes de nosso país, de nossa cidade, de nossa igreja, de nosso bairro, enfim, acostumamos a nos ausentar dos processos decisivos que influenciam de forma indireta nossas vidas. Esta ausência interfere negativamente nosso cotidiano.

Numa experiência nova de cooperativismo habitacional replicamos

nossos vícios e novamente a ausência se faz presente. Embora compreendamos que a força do grupo está na união demoramos a compreender que a união é sinônimo de presença nas assembleias para debater idéias, possibilidades, desafios e limites do grupo. Tendemos a achar que não somos importantes para a cooperativa.

Estar na cooperativa é diferente se ser cooperativado. Só estar de corpo presente (ou ausente) não basta para ajudar na evolução do grupo. É preciso ser cooperativado ativo e participante em todas as reuniões, nos órgãos de direção e fiscalização. É participando que se exercita a cidadania.

Cada cooperativado é importante em igual medida embora todos sejam diferentes, de diversas maneiras, de acordo com suas habilidades individuais.

**ANTÍDOTO:** Exercitar a participação assumindo tarefas. Não ser apenas mais um, fazer parte.

## 8. Não reservar a data da Reunião Mensal.

Todo mundo tem um monte de coisas pra fazer. Isto é fato. Ninguém está à toa no mundo. Portanto, a pergunta é muito simples: qual destas coisas deixará de fazer e substituiremos por uma atividade que nos conduza a casa própria?

Se perguntássemos ao grupo de famílias presentes na reunião sobre cooperativismo habitacional qual é o melhor dia para as reuniões mensais é quase unânime a resposta ser um final de semana. É compreensível, uma vez que os cooperativados são trabalhadores e merecem descansar à noite, tendo então, tempo livre nos sábados e domingos. São raras as cooperativas que se encontram de segunda a sexta à noite.

Com esta definição do grupo parece que tudo vai funcionar. Porém, muitos não priorizam a data da reunião e acabam faltando e para isso inventam muitas desculpas - o que é lamentável, uma vez que o projeto é tão seu quanto da cooperativa, portanto a desculpa é para si próprio. Este erro é cometido por cooperativados iniciantes e só lhes trará malefícios, pois estão prejudicando a si próprios, pois, por excesso de faltas, não ajudam o grupo a decidir o modelo de casa que vão morar.

Nada é mais importante que a reunião mensal da cooperativa habitacional para uma família sem casa. É fundamental que se organize com antecedência para liberar a data escolhida pelo grupo para ir à reunião do grupo que o fará conquistar um lar.

**ANTÍDOTO:** Aprender a assumir compromisso sincero com a solução de seus problemas mais urgentes, neste caso, sua moradia.

## 9 Perpetuar-se na Coordenação ou na Secretaria do grupo.

O poder é sedutor. Qualquer instância ou qualquer função pode nos seduzir a permanecer em cargos de gestão. Tem-se a falsa impressão que somos donos de algo quando coordenamos grupos. Esta sensação de posse pode corromper qualquer pessoa. Por isso nos grupos da COOHABRAS estimulamos a circulação das lideranças em períodos de, no máximo, dois anos.

Essas mudanças ajudam a oxigenar a caminhada do grupo, pois novas cabeças trarão novas idéias. Aqueles que pensam o contrário acabam fazendo com que os membros grupo não se acostumem a se pensar como potenciais ocupantes dos cargos da coordenação e da secretaria. Quanto mais tempo alguns membros do grupo fizerem uma “dança das cadeiras” nestes espaços de participação, mais difícil será para um dia substituí-los quando inevitavelmente necessário.

Isso pode causar um trauma negativo no grupo que nós podemos chamar de “amortecimento das consciências”. O bom líder é aquele que prepara sua sucessão para que o grupo não regrida com a sua saída da coordenação. Perpetuar-se nos espaços de coordenação da cooperativa habitacional é um erro gravíssimo.

**ANTÍDOTO:** Estimular a participação dos cooperativados e das cooperativas. Lembrar sempre o grupo que os cargos são temporários e fugazes.

## 10. Tentar reinventar o processo cooperativista habitacional.

Tem muita gente que depois de conhecer a proposta do cooperativismo habitacional tem idéias, digamos, pra lá de excêntricas para solucionar o problema da habitação. Ao invés de abraçar a proposta da cooperativa começa a conjeturar novas fórmulas de organização coletiva e tenta colocá-las em prática dentro do grupo.

Os “inovadores” acabam atrasando a caminhada na tentativa de “reinventar a roda”. Querendo experimentar novos processos onde se investe mais recursos para tentar novos processos, onde se investe mais recursos para tentar encurtar o prazo de contribuição, ou querendo comprar áreas de terra sem legalização que tem preços reduzidos, querer escolher os membros do grupo por faixa de renda, por local de trabalho, por bairros e outros critérios que lhes pareçam funcionar melhor.

O problema destas idéias é que desconsideram toda a trajetória e a história do cooperativismo habitacional. Muito já foi feito e experimentado

para chegarmos neste modelo que se apresenta hoje. Vários erros já foram cometidos e muitos acertos reafirmados para consolidar este processo participativo.

Não se pode perder de vista a caminhada dos grupos já existentes. É nela que devemos nos espelhar. Olhar para quem já deu certo e não para uma tentativa que nem se sabe se tem fundamento. Cuidado para não perder tempo tentando coisas novas enquanto os demais constroem suas casas. Criatividade sim, excentricidade não!

**ANTÍDOTO:** Siga os passos conforme elaborado nestes materiais da COOHABRAS. Estará no rumo certo.

## **11. Dar ouvidos a quem não entende de cooperativismo habitacional.**

Ao nosso redor temos pessoas que nos estimulam e as que nos desmotivam. As que nos estimulam são aquelas que nos querem bem, querem que mudemos de vida para melhor. Já as que nos desmotivam são aquelas que desejam que permaneçamos sempre no mesmo lugar, para se sentirem superiores a nós ou, como elas não querem crescer, que nós fiquemos sempre na mesma condição que elas.

Quando nos cooperativamos nós falamos pra todo mundo a nossa volta do projeto incrível que participamos e diante desta novidade as pessoas vão reagir comentando positivamente ou negativamente. Cuidado! É nesta hora que as pessoas negativas tentam roubar nossos sonhos. Elas vão dizer que o projeto não vai dar certo (mesmo sem dar os motivos), que os trabalhadores e trabalhadoras nunca terão suas casas (não acreditam em sua classe social), que você perderá todo o seu dinheiro investido (não conhecem o Estatuto Social e o Regimento Interno).

Muitas vezes estas pessoas negativas são aquelas que saíram da sua cooperativa porque faltaram ou não contribuíram. Não conseguem assumir o compromisso com a mudança da própria condição e não querem ver os outros mudando porque isso mostrará que eles que falham por inércia.

Outra possibilidade é de que pessoas de classe social média e alta podem querer desprestigiar a cooperativa e desestimular sua participação. Nesta hora é preciso perguntar-lhes se eles têm a solução e se está disposto a contribuir com a concretização do sonho de sua casa própria e dos demais membros do grupo.

**ANTÍDOTO:** Tenha claro quais os motivos pelos quais você participa da cooperativa para poder fazer o debate de idéias com quem não conhece o projeto da cooperativa habitacional.

## 12. Não articular toda a família no projeto da cooperativa habitacional.

As cooperativas habitacionais constroem moradias para serem habitadas pela família do cooperativado e da cooperativada. Contudo, percebe-se que na maioria dos casos há a presença de apenas um membro da família nas assembléias e eventos da cooperativa. O que se nota é que somente aquele que participa está realmente comprometido com a solução da moradia que a cooperativa proporcionará.

Enquanto a família estiver distante da cooperativa ela não conseguirá visualizar a casa sendo construída a cada nova assembléia mensal. Ela não vê o crescimento da poupança conjunta, não acompanha os debates sobre o estilo construtivo e o formato do projeto arquitetônico e urbanístico do grupo. Em suma, não enxerga o sonho se concretizando e por isso não se envolve.

O efeito negativo do distanciamento dos familiares é que pode acabar desestimulando o membro da família que participa e este desistir também. O que coloca todos em situação desfavorável, pois permanecerão sem casa e sem alternativa concreta.

Acreditamos que seja necessário criar espaços de envolvimento das famílias. Pode ser um almoço de integração, um jantar para comemorar os aniversariantes do semestre, enfim, algo que provoque a participação da família toda. Assim vai se criando canais de envolvimento de todos.

**ANTÍDOTO:** Algumas pessoas só se envolvem depois de serem muito estimuladas. Insista na motivação de seus familiares até que eles se façam presentes na assembléia.

## 13. Não realizar eventos promocionais (trabalho social).

As cooperativas habitacionais têm realizado muitos eventos a fim de angariar recursos para a poupança conjunta do grupo. Estes eventos ajudam a acelerar a compra da área da cooperativa e, por conseqüência, adianta a construção das moradias. É nos eventos que se abrem as oportunidades de cada cooperativado mostrar sua disponibilidade para o trabalho social com o grupo.

Os grupos que não realizam eventos pecam por dois motivos, basicamente: 1) Por fecharem as portas da participação e, 2) Por perder a oportunidade de juntar recursos externos. No primeiro caso o grupo fica inerte, pois só resta como canal de participação a presença na assembléia. Isso vai amortecendo os cooperativados e estes não se exercitam para assumir os cargos de direção e fiscalização no futuro. No que se refere aos recursos que

são negligenciados pode-se dizer que se tem um prejuízo em potencial, pois os eventos sempre trazem bons resultados para a cooperativa.

Muitos cooperativados alegam que dá trabalho e que o melhor é pagar a cota-parte mensal para não se incomodar. Como se estes tivessem que trabalhar sozinhos! Na cooperativa o trabalho é dividido e por isso o resultado se multiplica e funciona. A cooperativa que não realiza eventos tem resultados econômicos e políticos inferiores às demais.

**ANTÍDOTO:** Começar com eventos mais simples para que todos vão criando o hábito de trabalho coletivo e depois evoluir para eventos mais complexos.

## 14. Não participar ativamente dos momentos de treinamento com o Educador Popular na reunião mensal.

Ninguém nasce sabendo organizar uma cooperativa de habitação. Para aprender é preciso criar os momentos de estudo e partilha de experiências. Se não houver a participação dos momentos de formação na reunião mensal para capacitar todos os cooperativados se verificará que as dúvidas se tornarão mais fortes que as certezas o que causará instabilidade no grupo.

Acreditar que as “coisas” se ajeitarão durante a caminhada é arriscado. Algumas pessoas têm a capacidade de captar o processo, compreendê-lo e assimilá-lo, porém, outras não. E são estes que precisam de formação para dominar melhor os temas referentes ao cooperativismo habitacional.

Quem não sabe pra onde vai acaba sempre no mesmo lugar. Assim, para o cooperativado que não está plenamente consciente do projeto que está envolvido, tanto faz ficar ou não na cooperativa. Veja que o processo formativo, portanto, tem função esclarecedora. Instrução para mostrar o caminho. Reflexão para conscientizar cada cooperativado de que a cooperativa é a maneira mais barata, mais rápida e mais ampla para os trabalhadores conquistar a casa própria.

Não é útil para a cooperativa manter seus cooperativados na ignorância, quanto mais momentos formativos melhor para todos.

**ANTÍDOTO:** As reuniões mensais dos grupos da COOHABRAS são momentos de formação e treinamento. Participe ativamente!

## 15. Não ler livros sobre cooperativas habitacionais e cooperativismo.

Ter acesso a livros sobre cooperativismo habitacional e não lê-los é negar-se o direito de aprender mais e comprometer a sua ação na cooperativa por falta de conhecimentos contidos nestas obras. A lacuna teórica vai ser sentida nos próximos passos que a cooperativa tentar dar.

O cooperativado(a) que não assumir este bom hábito da leitura ficará defasado em informações relevantes e não saberá das experiências positivas que o cooperativismo habitacional já concretizou, realizando o sonho da casa própria para muitas famílias. Estas histórias e este histórico estão em livros que são de fácil acesso a todos.

As coordenações dos grupos podem estimular a leitura dos materiais pedagógicos enviados a todos os membros com este fim, que podem ser lidas e debatidas em momentos específicos na reunião mensal. Isso irá reeducar a todos para a leitura e os que não compreenderem bem os dados lidos poderão tirar suas dúvidas com os colegas de grupo.

Depois dos primeiros exercícios de leitura todos ficarão ansiosos por mais informação e receberão com disposição obras para esta finalidade. A cooperativa tem esta função social bem definida para ajudar na educação para o cooperativismo de seus membros, portanto não deverá medir esforços e recursos para isso.

**ANTÍDOTO:** Construir o hábito da leitura a fim de servir de espaço de educação cooperativista.

# BIBLIOGRAFIA

BIZ, Osvaldo e PEDROSO, Elizabeth Maria Kieling. **Participação Política: limites e avanços**. Porto Alegre: Evangraf, 1992, 8 ed.

BUCCI, Maria Paula Dallari. **Cooperativas de Habitação no Direito Brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2003.

CECHETTI, Wilson. DALMAGRO, Neli Burtet. **Presente: histórias e mensagens**. 2. ed. Campo Erê, SC. Imprimax, 2006.

CORREIO DO POVO. **“Minha Casa” recebe R\$ 34 bi em subsídios**. 26 de março de 2009. p. 08. (Economia).

CORREIO DO POVO. **Déficit habitacional**. Janeiro de 2009. p. 02. (Editorial).

DICKMANN, Ivania (Org.). **Construindo cidadania: cooperativas de habitação, políticas públicas e educação popular**. Passo Fundo, RS: Battistel, 2008. (Coleção Sistematização do Habesol; 01).

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO, **Centro de Estatística e Informação. Déficit Habitacional no Brasil**. Brasília, 2006, 2 ed.

HEDERRA, Sergio Carvallo. **Cooperativas de Habitacion**. Washington: Organization de los Estados Americanos, 1952.

LEFEBVRE, Henry. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

MIRANDA, E. E. de; GOMES, E. G. GUIMARÃES, M. **Mapeamento e estimativa da área urbanizada do Brasil com base em imagens orbitais e modelos estatísticos**. Campinas: Embrapa Monitoramento por Satélite, 2005. Disponível em: <<http://www.urbanizacao.cnpm.embrapa.br>>. Acesso em: 24 abr. 2009.

SHWENGBER, Ângela e GUIMARRÃES, Gonçalo (orgs.). **Diretrizes para Políticas Públicas de Economia Solidária: A Contribuição dos Gestores**. Rio de Janeiro: ITCP/COPPE/UFRJ, 2004.

SILVA, Ademir Alves da. **Política Social e Cooperativas Habitacionais**. São Paulo: Cortez, 1992.

THUMS, Jorge. **Programa CAIXA Melhores Práticas em gestão local. Novas políticas de cooperativas habitacionais autogestionáveis: o caso da Cooperserrana**. Bento Gonçalves, 2006.

ZERO HORA. **Plano para arrumar a casa da economia**. 26 de março de 2009. p. 24. (Economia).



# A FORMAÇÃO COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DO COOPERATIVISMO

Cledir Assisio Magri<sup>2</sup>  
Ivanio Dickmann<sup>3</sup>

## 1. Considerações iniciais

Em todas as organizações sociais o processo de formação apresenta-se como importante instrumento na busca de qualificar as intervenções desenvolvidas pelas entidades. A formação desenvolvida com uma metodologia adequada permite ampliar e melhorar processos organizacionais. Acreditamos que toda organização precisa de formação e capacitação para os membros que a compõe, pois caso contrário incorre em estagnar e fragmentar as ações podendo perder seu foco de atuação pela estagnação no tema do conhecimento por parte dos seus membros.

A partir desta afirmação é que desenvolveremos na reflexão que segue um conjunto de aspectos referentes à necessidade e importância de formação para o fomento do cooperativismo. Pretendemos apontar um conjunto de avanços importantes dentro das cooperativas na medida em que aconteçam processos formativos com os sujeitos envolvidos.

Traremos para o debate alguns aspectos do construto teórico de Freire, principalmente no que diz respeito a sua metodologia, pois acreditamos que bons processos formativos demandam de bons referenciais teóricos e deste modo Paulo Freire possui expressivas contribuições. Apresentaremos alguns limites e potencialidade no tema da formação na área do cooperativismo.

A tese central deste debate é que o ato formativo é fundamental no intuito de garantir e possibilitar o fortalecimento do cooperativismo na sua essência, nos seus princípios e na sua missão. Para que isso se efetive é necessária uma metodologia que permita este fortalecimento.

---

<sup>2</sup> Doutorando em Filosofia pela UNISINOS, Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF), pós-graduado em Desenvolvimento Rural e Cooperativismo de Crédito Solidário (IMED), pós-graduado em Direitos Humanos pelo (IFIBE); graduado em Filosofia pelo IFIBE, educador popular e assessor pedagógico da Cresol Central SC/RS. (cledir@cresolcentral.com.br).

<sup>3</sup> Presidente da COOHABRAS. Foi Diretor Geral e Educador Popular do Centro de Assessoria em Educação Popular, Cooperativismo e Economia Solidária - HABESOL, graduando em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), organizador das cooperativas habitacionais em Veranópolis-RS, durante o período que foi o Chefe do Departamento Habitacional. (ivaniosocial@yahoo.com.br).

## 2. A formação no Sistema Cooperativista

Em um processo formativo junto a uma cooperativa deve-se observar a lógica das relações intersubjetivas passando pelo encontro com os outros, constituindo assim um “estado” de relações. É nesta perspectiva de sujeito em relação com os outros que Freire afirma que: “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa sozinho, os homens se educam juntos mediados pelo mundo”. (1977, p. 27). Ou seja, não se trata mais de um educador do educando, nem de um educando do educador, mas de um educador-educando com um educando-educador. Portanto, nos encontros de formação os assessores(as) buscam implementar esta premissa da construção conjunta do conhecimento a partir dos saberes distintos.

Segundo Freire, as relações possuem características próprias de quem pensa:

A de refletir sobre um ato. Existe uma reflexão do homem face à realidade. O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns, por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade. (1981, p. 30).

Com esta afirmação, no processo formativo deve-se buscar a formação de sujeitos críticos e conscientes com a sua realidade social, buscando construir um cooperativismo que atenda as necessidades dos seus cooperativados. Por isso a necessidade de sempre buscar partir da realidade dos sujeitos envolvidos no processo para fazer os debates temáticos. Prova disso é que as cooperativas de crédito problematizam a falta de acesso aos serviços financeiros de seus cooperativados, já as cooperativas de habitação debatem o déficit habitacional e as causas que excluem seus membros da moradia. Cada ramo do cooperativismo tem se dedicado, em seus processos formativos, ao campo de problema que está ligado e proposto, nestes mesmos momentos de formação, as saídas dos problemas de forma coletiva e coletivizante, de forma cooperativa.

No momento que o ser humano entende, compreende a sua realidade, pode começar a levantar problemáticas referentes à sua realidade e consequentemente buscar soluções, respostas. No momento que chegar a tal estado, terá elementos suficientes para começar a entender a sua própria ação e reflexão, reconhecendo-se um ser inacabado, de relações, vocacionado a ser mais: esta é a concepção de sujeito em Paulo Freire.

Neste sentido, o ser humano desenvolve o processo de liberdade, baseando-se nos seguintes princípios, (FREIRE. 1981, p.40):

**2.1. Analisa com profundidade os problemas do dia a dia. Não se satisfaz com as aparências que lhe são mostradas:**

Esta capacidade de análise dos problemas cotidianos é fruto da aprendizagem dos processos de formação na cooperativa, uma vez que antes os seres humanos, envolvidos nas aparências impostas, estavam imunes a possibilidade de mudança. Os momentos pedagógicos das cooperativas são instrumentos de mudança social, pois alteram o estado de consciência do ser humano e o colocam noutra dinâmica, a da descoberta de novas possibilidades de vida e de mundo.

**2.2. Reconhece que a realidade é mutável, que não é algo dado e acabado, mas é suscetível de mudanças e transformações:**

A realidade já é percebida como algo elaborado por ele próprio e pelos outros. Sendo algo elaborado por alguém, traz em si, os objetivos desta elaboração. Portanto se os objetivos destas pessoas mudam a realidade também pode mudar. Então, participando e acreditando em um projeto cooperativista, inclusivo, pode-se, junto com outros que compartilham dos mesmos ideais construir uma nova realidade. Mudar e transformar a realidade é uma possibilidade real, uma vez que a realidade não é mais algo inerte e impossível de ser alterada.

**2.3. Substitui situações ou explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade:**

A compreensão das coisas do mundo e da vida, torna o ser humano capaz de compreender aquilo que ele não presenciou. Os fatos são compreendidos dentro de uma lógica mais complexa, pois os indivíduos conseguem, agora, identificar o efeito pela causa, mesmo que esta não esteja mais evidente. Isto demonstra um avanço na capacidade de leitura da realidade. Uma transitividade, como diria Freire, da consciência mágica e ingênua, para a consciência crítica. Este deve ser um dos objetivos centrais da pedagogia cooperativista.

**2.4. Procura verificar ou testar as descobertas; está sempre disposto a rever suas ações:**

A transição para um campo de consciência crítica não isola nem imobiliza a capacidade do ser humano de re-pensar suas posturas. Attingir um nível de criticidade da realidade não significa

participar de uma ideologia sectária. Muito antes, pelo contrário, significa alcançar a capacidade de tornar-se uma “metamorfose ambulante”, pois se o nosso mundo necessita de constantes ajustes, o ser humano também. Estas alterações necessárias para a construção do novo mundo-político não tornam os indivíduos volúveis. São alterações em função do projeto de mundo e não alterações interesseiras de pseudo-convicções ideológicas.

**2.5. Ao deparar-se com um fato, faz o possível para se livrar dos preconceitos. Ama o diálogo, nutre-se dele:**

A exclusão dos oprimidos é fruto do preconceito para com eles. Não pode então, repetir tal atitude diante dos fatos, uma vez que se libertou desta opressão. Neste caso a postura é dialógica. Diálogo para Freire é a pronúncia amorosa de um novo mundo. O ser humano crítico dialoga sobre os fatos, não impõe sua verdade sobre os outros. Anuncia suas concepções para ser analisado pelos interlocutores. Isto provoca uma nova situação, onde seres pronunciam juntos uma nova síntese, uma construção feita numa nova linguagem respeitosa e amorosa, sem imposições de qualquer parte. O diálogo, como concebido por Freire, pronunciará o novo mundo mais igual e cooperativo.

**2.6. Possui grande abertura ao novo, sem ser arrogante ao velho por ser velho:**

Quem experimenta o novo estará sempre aberto às novidades. Pois o novo, aqui, significa um mundo melhor para todos e todas, onde não haverá mais opressão que massifica e prejudica os mais pobres, os negros, as mulheres... Naturalmente o que é velho e que serviu de instrumento de opressão não cabe mais a quem fez esta nova experiência libertária. Na opção assumida de abertura ao novo, o ser humano respeita o que é velho, sem reproduzir atitudes de arrogância e ofensa. Apenas foca na sua nova trajetória de construção do mundo onde o novo se consolida como projeto de sociedade e de ser humano.

**2.7. Ama a justiça e a prática:**

O ser humano em processo de liberdade descobre na justiça uma bandeira fundamental para servir de base da nova sociedade que deseja ver construída no seu projeto de mundo. Assim sendo, a justiça é um exercício cotidiano na vida daqueles que pronun-

ciam um mundo mais igual. É uma aproximação amorosa que resulta em uma prática de vida que não oprime mais, que é mais equânime, que garante a todos os direitos fundamentais na vida. Assim se pensa e assim se faz.

## **2.8. Luta por um ideal de vida e é coerente a ele:**

O que era externo ao ser humano no início desta reflexão agora se encarna e se torna parte dele. A sua evolução em relação às análises da realidade se materializam em projeto de vida. Transmutam-se em ideal. Sendo agora projeto, precisa de uma execução para tornar-se realidade concreta. A coerência com os ideais impulsionam o ser humano para uma prática que ganha força social pois é percebida pelos demais como algo portador de verdade, uma vez que se torna perceptível a consonância do que é dito com o que é feito. Este projeto transcende o ser humano e se torna, então, projeto de sociedade.

Para Freire, a auto-reflexão contribui na construção da liberdade política e da participação social, pois não se trata de uma liberdade descomprometida com o mundo, com a realidade, mas pelo contrário, trata-se de uma liberdade que impulsiona o sujeito ao compromisso político com a transformação social.

Neste sentido Tânia Maria M. Sampaio, escreve no seu artigo sobre “Questão Freiriana da educação como práxis político-filosófica” que:

Atinamos que, distanciando-se do seu mundo, problematizando-o, “decodificando-o” criticamente, no mesmo movimento da consciência, o alfabetizando em Freire redescobre-se como sujeito instaurador desse mundo e de sua experiência. Testemunhando objetivamente sua história, mesmo a consciência ingênua acaba por despertar criticamente, para identificar-se como personagem que se ignorava e é chamada a assumir seu papel. A consciência de si e a consciência do mundo crescem juntas e em razão direta; uma comprometida com a outra. Evidencia-se a intrínseca relação entre conquistar-se, fazer-se mais a si mesmo e conquistar o mundo. Aí a essência humana existencia-se, auto desvelando-se como história. Mas essa consciência histórica, objetivando-se reflexivamente, surpreende-se a si mesma, passa a dizer-se, torna-se consciência historiadora: o alfabetizando é levado a escrever a palavra escrita em que à cultura se diz e dizendo-se criticamente deixa de ser repetição intemporal do que passou para temporalizar-se, para conscientizar sua temporalidade constituinte, que é o anúncio e promessa do que há de vir. E isto é práxis freiriana. (1995, p.83).

No momento que o sujeito começa a conscientizar-se de seu papel no mundo, conseqüentemente assumirá sua função de agente transformador da realidade opressora. Ele passa a ser sujeito de sua história, passa a escrever sua história e ao escrever sua história de forma consciente ele será um sujeito livre e sendo livre estará se comprometendo com a sua realidade concreta. Tal comprometimento é práxis, ação e reflexão, que acontece no exercício de transformação da realidade opressora.

A conscientização do sujeito pela educação faz com que o sujeito se comprometa com a transformação da realidade, buscando a libertação. Desta forma, vemos como a Pedagogia de Freire é uma proposta de libertação para todos os homens oprimidos. Por isso, Freire não é apenas uma caixa de ressonâncias dos gritos dos oprimidos, mas é portador da mensagem real da libertação dos mesmos. Libertação conseguida através da educação que provoque o educando a conhecer a realidade objetiva, a opressão e agencia o seu processo de libertação em comunhão com os outros. (SIMÕES, 1981a, p. 19).

No processo formativo nos distintos segmentos sociais, bem como no cooperativismo, a escolha da metodologia, do método, do caminho é fundamental no sentido de garantir que a formação tenha o êxito, o resultado desejado, esperado em vista de fortalecer a lógica da organização social a partir do cooperativismo.

No nosso trabalho como educador popular, compreendemos a capacitação e a formação como um conjunto de condições que possibilitam aos participantes envolvidos o desenvolvimento e a qualificação de determinadas competências e atitudes. A formação vai além de atividades pontuais como cursos e palestras. Envolve um conjunto de técnicas e dinâmicas a serem utilizadas de acordo com os objetivos da ação formativa.

O horizonte da formação encontra-se no objetivo estratégico do projeto a ser construído e desenvolvido, propondo desenvolver um processo que ajude os sujeitos envolvidos no processo a se construírem e se afirmarem como sujeitos individuais e coletivos nos processos organizativos sociais nos quais fazem parte. Estes sujeitos sociais precisam se capacitar de forma interdisciplinar para agir com autonomia e incidir nos processos sociais. Por outro lado, o conhecimento produzido conjuntamente precisa ajudá-los a criar/construir atitudes e responsabilidade comprometidas com a transformação social.

Nas cooperativas os processos formativos/pedagógicos são coletivos e coletivizantes, para garantir uma experiência prática na hora que se aprende a viver de forma cooperativada. Não podemos pregar o cooperativismo e isolar os seres humanos em soluções individuais. Os problemas atacados pelas cooperativas são problemas coletivos, portanto as soluções também precisam ser coletivas.

O método de aprendizagem no meio cooperativista para as bases das

cooperativas necessita estar em sintonia com o nível de consciência destes cooperativados. Se forem cooperativados iniciantes precisam ser iniciados em processos pedagógicos introdutórios. Se forem cooperativados com mais vivência na cooperativa podem ser mais exigidos quanto a participação e a reflexão sobre a prática cooperativista, podendo também assumir papéis de coordenação e direção na cooperativa.

Assim, queremos afirmar que a pedagogia cooperativista é parte da organização da cooperativa e ajuda esta a se solidificar e se manter em expansão, uma vez que cria, em seu próprio corpo social as lideranças novas para fazer a cooperativa crescer em quantidade e qualidade. Então, não é só uma questão se ensinar ou não os cooperativados, mas sim de garantir ou não a subsistência da cooperativa.

Paulo Freire na *Pedagogia do Oprimido*, afirma: “Dizer que os homens são pessoas, e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objective, é uma farsa” (Freire, 1970). Assim, a formação e a capacitação têm a finalidade de ajudar e qualificar os sujeitos envolvidos no processo, neste caso os cooperativados a assumirem práticas éticas nas lutas populares, como citamos acima.

A essência desta metodologia é fundamentada na educação popular<sup>4</sup>, a qual como um processo de formação e desenvolvimento do ser humano que interage individual e coletivamente, construindo experiências que, sistematizadas, produzem novos conhecimentos. A educação popular é entendida como o processo educativo que contribui para que o povo se constitua como sujeito coletivo, capaz de ser protagonista na definição e satisfação de suas necessidades imediatas, articuladas com o projeto global de sociedade, visando à construção de hegemonia das classes populares.

O método de educação popular<sup>5</sup> no trabalho com os movimentos sociais não pode ficar restrito as técnicas empregadas na educação tradicional, se restringindo apenas ao ato de educar como a transmissão de algo acabado, fornecendo-se um banco de dados sem significação para a vida dos educandos, mas sim, envolver as pessoas no processo de construção do conhecimento, como sujeitos da própria emancipação, que se dá dentro de uma perspectiva política de classe e que toma parte ou se vincula à ação organizada do povo para alcançar o objetivo de construir uma nova sociedade.

O processo formativo implica numa estreita relação entre o assessor/educador popular e o público envolvido. Ambos são postos numa relação de co-educação, e, como sujeitos da ação, buscam fundamentalmente dois

---

<sup>4</sup>Cf. Texto produzido pelo CEAP (Centro de Educação e Assessoramento Popular), Caderno II, Projeto de Capacitação de Agricultores e Agricultoras Familiares da Região da Produção do RS. Elaborado por Rene Ceconello com a colaboração de Volmir Brutscher e Valdevir Both, p.12, 2006. Recomenda-se também a leitura do livro *Primeiras Palavras* em Paulo Freire de Ivánio Dickmann e Ivo Dickmann.

<sup>5</sup>Que parte da realidade dos envolvidos, passa pela produção coletiva (intersubjetiva) de conhecimento e contribui na organização sócio-política dos Sujeitos Sociais Populares

objetivos: um primeiro é a troca de conhecimentos entre o educador e o público com o qual interage, oportunizando para que as diferentes concepções ou visões de mundo/realidade sejam explicitadas a partir da linguagem, e confrontadas mutuamente; o segundo trata de abrir mediações que facilitem o fluxo de conhecimento, remetendo para um esforço metodológico em que o conhecimento (sempre entendido como processo) tenha canais de trânsito simplificados entre educador e participantes. Este exigente processo de educação ocorre à medida que o educador/assessor e o público envolvido põem em comum os seus conhecimentos e os aprimoram conjuntamente no cotidiano de suas práticas; sem esta interação permanente não se desenvolvem processos de formação e capacitação.

A educação popular tem a função de contribuir metodologicamente na organização política das classes populares, criando condições para superar o padrão cultural imposto pelas elites. Os movimentos sociais quando tem ousadia criam as condições de produzir uma nova cultura, fundamentada no diálogo inter-subjetivo dos agentes políticos, a fim de constituir novos espaços e estruturas sociais calcados na idéia da emancipação popular e do princípio da justiça social.

Assim, a concepção de educação popular a qual estamos nos referindo tem compromisso político com as classes populares, apontando para a constituição de uma cultura popular que contém no seu cerne a idéia de transformação da atual forma de organização social. Estamos falando, portanto, que a educação popular tem enlaces profundos com o que é chamado de projeto político de sociedade, tendo comprometimento teórico e prático com a emancipação dos sujeitos individuais e coletivos para a libertação do ser humano de qualquer tipo de opressão.

Percebe-se, portanto, que a educação no meio cooperativista supera a pura transmissão de conteúdos. Ela está preocupada com a transformação do cooperativado em um novo ser humano. Pois, sem um novo ser humano capaz de refletir sobre os problemas que ele tinha antes de participar do projeto coletivo, a cooperativa perde sua razão de ser e seus apoiadores, que não conseguiriam perceber que a cooperativa solucionou seus problemas porque construiu soluções fora da lógica cotidiana excludente.

### **3. Limites no processo de formação das cooperativas**

Apesar de termos a clareza da importância dos processos formativos no intuito de fortalecer o cooperativismo, isso não nos exime de apontarmos o conjunto de limites que muitas vezes é percebido no decorrer da formação nos diferentes segmentos sociais e nas cooperativas não é diferente.

As partir das experiências vivenciadas com cooperativas, apesar de toda compreensão da importância da formação e capacitação no sentido de garantir um processo consistente e sólido em vista da conquistas dos objetivos a

qual a cooperativa se propõe é notório que em alguns casos a formação acaba não sendo a prioridade dentro do processo. Ou seja, não é dada a devida atenção para este tema que acaba tornando-se secundário diante da infinidade de ações que precisam ser desenvolvidas e a partir desta premissa coloca-se em jogo um processo social importante, devido à escolha de foco que é feita.

Esta escolha é feita pelas pessoas que coordenam o processo, neste caso a direção da cooperativa, pois o foco acaba sendo outro, também importante, mas devido à ausência da formação acaba sendo mais difícil de ser alcançado. Neste caso o foco no objetivo suplanta o método que tornaria possível realizá-lo. O antídoto para este erro seria um planejamento estratégico mais consistente fazendo com que as lideranças percebam que para a consecução dos objetivos sociais da cooperativa é necessário um campo mais amplo de ações, entre elas está o processo de formação como instrumento de solidificação dos princípios cooperativistas.

Atrelado a estes limites, percebe-se em alguns casos que quando a formação é assumida pela coordenação da cooperativa, devido à falta de uma metodologia adequada, que dialogue com a realidade, o processo formativo teoricamente pode acontecer, mas não terá o êxito, o retorno, o resultado esperado. Pois não aglutinou os elementos necessários no sentido de garantir um processo participativo, que prime pela construção do conhecimento de forma conjunta, coletiva, sendo o assessor, o educador juntamente com educando, o cooperativado, sujeitos do saber, sujeitos do conhecimento. O antídoto neste caso é ter o processo de formação sendo conduzido por um Educador Popular capacitado para esta tarefa. Da mesma forma que nem todos os cooperativados estão preparados para assumir a presidência da cooperativa, a diretoria pode não ser capaz de conduzir processos de Educação Popular com seus cooperativados. Uma equipe pedagógica é obrigação das cooperativas. É um princípio do cooperativismo a educação cooperativista.

Em alguns casos o tema da formação está presente no planejamento das ações da cooperativa, mas acaba não sendo executado por diferentes motivos, que vai desde a falta de tempo, de recursos, de prioridade, de articulação e ocorre que passa o tempo e a formação não acontece. Temos que entender que a formação no processo cooperativo não se restrinja ao espaço do encontro próprio para a formação, pois o processo, a organização em si é ação formativa, mas o que estamos apontando é a necessidade de momentos, espaços específicos para o aprofundamento de temas geradores que visam aprofundar e qualificar o processo. É muito importante não criarmos a ilusão de que os cooperativados vão, em momentos determinados, sentar em uma sala de aula para participar da formação da cooperativa. O antídoto para este problema é a inovação nos canais de formação. Cada gesto da cooperativa tem que ser pensado de forma pedagógica, pois um panfleto poderá surtir mais efeito do que um livro para alguns, entretanto outros, poderão se aprofundar mais com uma cartilha, ou um vídeo, um programa

na rádio local, ou um calendário informativo e assim por diante. De qualquer forma será preciso criar espaços sistemáticos onde o Educador possa criar uma problematização sobre todos estes materiais a fim de aprofundar e consolidar o conhecimento.

Outro limite percebido nos processos de formação das cooperativas é o pouco envolvimento de todos os cooperativados o que acaba gerando o descomprometimento destes com a cooperativa, pois a formação deve despertar nos cooperativados o sentimento de pertencimento, sentir-se parte da cooperativa e não alguém externo ou paralelo a ela. As lideranças cooperativistas não precisam se preocupar com a quantidade inicial de membros nos momentos de formação. Precisam elaborar estes momentos de maneira que eles sejam atrativos e dinâmicos no dia da formação e que se tornem replicáveis pelos participantes, ou seja, que eles saiam dos espaços de formação da cooperativa contando para seus amigos, parentes, vizinhos e colegas de trabalho o que aprenderam. Isso só acontecerá se ele compreendeu os temas que foram trabalhados no momento pedagógico e se ele acha pertinente à vida dos seus interlocutores.

O nosso objetivo neste primeiro momento foi apresentar alguns dos principais limites existentes nos processos formativos das cooperativas e, em muitos casos, a ausência da formação, o que torna ainda mais grave a situação em vista de percebermos que tais situações prejudicam o fortalecimento e a expansão do cooperativismo como um todo. É um desafio que está lançado às cooperativas: superar estes obstáculos de forma criativa para consolidar cada vez mais o sistema cooperativista.

#### **4. Potencialidades no processo formativo nas cooperativas**

No item anterior socializamos alguns dos limites que são percebidos com frequência na formação dentro das cooperativas. O objetivo neste item é de dialogar sobre os pontos fortes quando nos reportamos ao tema da formação dentro das cooperativas e seus respectivos desdobramentos.

Uma primeira afirmação importante é o fato de que diante das experiências que vivenciamos em todas as situações que houve uma formação permanente e aprofundada as mudanças, os resultados são perceptíveis dentro do processo. Fica evidente que a formação possibilita um conjunto de mudanças, de transformações que geram a qualificação do processo e respectivamente o fortalecimento da ação da cooperativada.

No Sistema Cresol (Cooperativa de Crédito Rural com Interação Solidária) o processo foi sendo construído e desenvolvido de forma conjunta, participativa, percebeu-se um aumento e comprometimento com a participação das ações, pois estes começaram a perceber-se como atores sociais do projeto e não como meros espectadores, o que os torna comprometidos e engajados com as ações da cooperativa.

Nas cooperativas habitacionais depois de um processo de três etapas de formação para as Diretorias e para as Assembléias mensais, notou-se claramente a inserção e participação mais efetiva dos cooperativados nos processos internos da cooperativa, como os eventos de arrecadação de fundos, ocupação de cargos de direção e fiscalização e multiplicação da cooperativa junto à comunidade.

Na medida em que o processo de formação vai sendo desenvolvido percebeu-se o aumento da participação nas assembléias tanto quantitativo, mas acima de tudo uma participação qualitativa, pois os cooperados começaram a ser mais proativos e propositivos visando construir ações que viessem ao encontro dos anseios da cooperativa.

A formação deve ser planejada de forma permanente e em diferentes escalas de acordo com o papel e responsabilidade de cada um dentro da cooperativa, isso porque a responsabilidade da coordenação é diferente do papel dos cooperativados em geral.

O processo de formação deve acontecer com a direção, com os colaboradores, com as lideranças e com os cooperativados em geral, na medida em que a formação avança e se expande nos diferentes segmentos, com o planejamento para cada um deles, observa-se significativos avanços nestes segmentos e tais avanços refletem no desenvolvimento e trabalhos que são feitos por estas cooperativas.

Trata-se de um conjunto de ações que são desenvolvidas dentro das cooperativas e a partir destas ações formativas pretende-se buscar o desenvolvimento e o fortalecimento do cooperativismo. O que se percebe é que com a formação das lideranças das cooperativas, a participação na vida e dinâmica da cooperativa tem aumentado de forma significativa, fazendo com que estas lideranças passem a incidir de forma mais direta nas atividades desenvolvidas pela cooperativa.

Na medida em que as cooperativas se desafiam a construir e pensar ações formativas para os sujeitos envolvidos no processo sendo fiéis a um dos sete princípios do cooperativismo que trata exatamente da formação, educação e informação, ou seja, é missão, função do cooperativismo fazer com que seus cooperativados possam receber formação, capacitação, informações e que este processo lhes traga primeiramente a qualificação pessoal e esta qualificação possa ser colocada a serviço da cooperativa no sentido de garantir o seu fortalecimento.

É fundamental que as cooperativas promovam a educação e a formação dos seus membros, dos representantes eleitos e dos trabalhadores, de forma que estes possam contribuir, eficazmente, para o desenvolvimento das suas cooperativas. Este processo formativo deve despertar nos membros da cooperativa a percepção das vantagens da cooperação de tal maneira que eles se sintam responsáveis por transmitir esta boa notícia àqueles que os rodeiam no dia-a-dia, desta forma estaremos multiplicando o cooperativismo através de um testemunho seguro dos cooperativados que tiveram suas vidas transformadas por alguma cooperativa.

## 5. Considerações finais

A partir das experiências vivenciadas com cooperativas, apesar de toda compreensão da importância da formação e capacitação no sentido de garantir um processo consistente e sólido em vista das conquistas dos objetivos a qual a cooperativa se propõe é notório que em alguns casos a formação acaba não sendo a prioridade dentro do processo. Ou seja, não é dada a devida atenção para este tema que acaba tornando-se secundário diante da infinidade de ações que precisam ser desenvolvidas e a partir desta premissa coloca-se em jogo um processo social importante, devido à redução de ações em detrimento da escolha de foco que é feita.

Com a formação obtivemos uma aproximação maior entre os cooperativados e uma aglutinação no sentido de somar forças em vista de alcançar o objetivo na qual a cooperativa se propõe, pois estes conscientizam-se que o caminho do cooperativismo, associativismo é o adequado em vista da conquista daquilo na qual os cooperativados se propõem.

A prática educativa, sob orientação de Educadores Populares, oportuniza a apropriação do conhecimento, possibilitando desenvolver instrumentos de crítica a esse conhecimento e capacitando a produção de novos saberes a partir da análise da realidade em questão. Este processo tem em si a capacidade de assegurar uma ação transformadora, superando o dogmatismo e a retransmissão de verdades prontas.

Com os processos formativos desenvolvidos nos diferentes segmentos sociais e, dentre eles no cooperativismo, buscamos de forma permanente despertar nos sujeitos envolvidos no processo o compromisso para que estes sejam os protagonistas da história. O trabalho está pautado pela lógica da construção do saber de libertação para a emancipação do povo; afirmando os direitos humanos e valorizando a cidadania.

Deste modo um dos pressupostos importantes é de que o conhecimento é algo que se constrói coletivamente a partir da realidade e da vivência cotidiana, sendo o sujeito da educação o próprio educando. A formação construída sobre estes princípios estimulará o chamado “trabalho de base”, para que toda a ação seja de fato enraizada no meio do povo e que reflita efetivamente a vontade da população envolvida.

Sendo assim, estaremos construindo um processo formativo que possibilite de forma efetiva o fortalecimento do cooperativismo e com este fortalecimento a construção de novas formas de relações sociais em que o ser humano seja o centro - e não o lucro, o capital - como muitas vezes percebemos na nossa realidade. Para que isso efetivamente aconteça antes de qualquer coisa necessita dar-se conta da importância da formação e a partir disso fazer dela uma bandeira de luta e organização social de forma permanente, principalmente pelo cooperativismo nas suas mais distintas áreas.

Sem um processo formativo (assessoria sistemática, problematização constante e diálogo sobre as soluções coletivas) as cooperativas se prendem aos seus limites e não conseguem fazer a superação dos problemas que se propõe atacar, ficando sempre relegadas a tentativas locais ou regionais sem capacidade de mudanças sistêmicas na sociedade. É preciso assumir a responsabilidade que o conhecimento impõe e capacitar Educadores Populares para um amplo processo pedagógico no meio cooperativista nacional para consolidar e multiplicar cooperativas de todos os ramos pelo nosso país, tornando-o o país da cooperação.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUTSCHER, Volmir José. *Educação e Conhecimento em Paulo Freire*. Passo Fundo: Berthier, 2005.

BITTENCOURT, Gilson Alceu. *Cooperativismo de Crédito Solidário: Constituição e funcionamento*. São Paulo: Kingraf, 2000.

BITTENCOURT, Gilson Alceu. *Cooperativas Crédito Solidário: Constituição e funcionamento*. Brasília, DF: Lid, 2001.

BUCCI, Maria Paula Dallari. *Cooperativas de habitação no Direito brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 2003.

BÚRIGO, Fabio Luiz. *Finanças e Solidariedade: uma análise do cooperativismo de crédito rural solidário no Brasil*. 2006. 375 f. Tese de doutorado – UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BÚRIGO, Fábio Luiz. *Cooperativa de Crédito Rural: agente de desenvolvimento local ou banco comercial de pequeno porte?* Chapecó: Argos, 2007.

Cresol Central SC/RS. *Mapa de localização*. Disponível em: <http://www.cresolcentral.com.br>. Acesso em 17 de junho de 2009.

CERVO, Armando Luis. BERVIAN, Pedro Alcindo. *Metodologia Científica*. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DICKMANN, Ivanio (Org.). *Construindo cidadania: cooperativas de habitação, políticas públicas e educação popular*. Passo Fundo, RS: Battistel, 2008. (Coleção Sistematização do Habesol; 01).

DICKMANN, Ivanio e DICKMANN, Ivo. *Como Organizar uma Cooperativa de Habitação*. Passo Fundo, RS: Battistel, 2009.

DICKMANN, Ivanio e DICKMANN, Ivo. *Primeiras Palavras em Paulo Freire*. Passo Fundo, RS: Battistel, 2008.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria da Prática da Liberdade*. São Paulo: Cortez Editora, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. *A Educação contra a Educação: o esquecimento da educação e a educação permanente*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

INSTITUTO TÉCNICO DE CAPACITAÇÃO E PESQUISA DA REFORMA AGRÁRIA - ITERRA. *Paulo Freire: um educador do povo*. 2 ed. Veranópolis: Gráfica e Editora Peres, 2001.

LOTTA, Gabriela; MARTINS, Rafael. *Capital social e redes sociais: uma alternativa para análise da política da política pública de educação em Icapuí – CE*. Rio de Janeiro: Anpad, 2004.

PACHECO, Pedro Paulo. *Condições para constituição de cooperativas de Crédito*. Seminário de Crédito Rural Cooperativo: “Perspectivas e Desafios” (1994/Florianópolis) Coletânea dos trabalhos apresentados no Seminário. Florianópolis, Cepagro, Sicredi-SC, CCA/UFSC, 1996.

PAULI, Jandir. *Gestão em Desenvolvimento Rural e Cooperativismo de Crédito Solidário*. Artigo publicado no Seminário “O papel do crédito no desenvolvimento da Agricultura Familiar: os desafios institucionais da CRESOL”. Chapecó: CRESOL, 2008.

PINHEIRO, Marcos Antonio Henriques. *Cooperativas de Crédito: História da evolução normativa no Brasil*. 5ª ed. Brasília: BCB, 2007.

TORRES, Carlos Alberto. *Leitura Crítica de Paulo Freire*. São Paulo: Loyola, 1981.

SAMPAIO, Tânia Maria Marinho. *Educação e Filosofia. A questão Freireana da Educação como Práxis Político-filosófica*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1995.

SIMÕES, J. Jorge *Educação Crítica e seu método*. São Paulo: Loyola, 1981.

VENTURA, Elvira Cruvinel Ferreira; FILHO, Joaquim Rubens Fontes; SOARES, Marden Marques. *Governança Cooperativa: diretrizes e mecanismos para fortalecimento da governança em cooperativas de crédito*. Brasília: BCB, 2009.

# ○ CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO



Depois de ler estes passos para organizar uma Cooperativa de Habitação é preciso se fazer algumas perguntas:

- Temos interesse de que este projeto se inicie em nosso município?
- Há a intenção que as pessoas de nosso município que não tem moradia se organizem para obter moradia digna e de qualidade?
- As instituições sociais, as empresas e o Poder Público gostariam de ser parceiros de um processo de organização da Cooperativa Habitacional Central do Brasil e ser lembrado como o pioneiro nesta nova matriz habitacional?

Se as respostas para estas perguntas forem positivas, faz-se necessário contatar nossos Articuladores Sociais e/ou Educadores Populares, começar a articulação, montar uma equipe mínima que dará os primeiros passos, para depois todos percorrermos este “caminho-sem-volta” para dentro de nossos lares através da COOHABRAS, mostrando o quanto a comunidade esperava uma oportunidade para contribuir na superação do déficit habitacional.

---

*Aos corajosos e ousados está reservado os grandes feitos da história  
e aos temerosos o esquecimento e o remorso por não terem tentado*

---

# MINUTA DE LEI MUNICIPAL DE FOMENTO AO COOPERATIVISMO HABITACIONAL

**LEI MUNICIPAL Nº , DE (dia) DE (mês) DE (ano).**

**INSTITUI A POLÍTICA MUNICIPAL DE FOMENTO  
AO COOPERATIVISMO HABITACIONAL  
AUTOGESTIONÁRIO NO MUNICÍPIO E DÁ  
OUTRAS PROVIDÊNCIAS.**

O Prefeito Municipal de (nome do município), Estado do (nome do Estado). Faço saber que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei.

## **Capítulo I Do Sistema Municipal de Fomento**

**Art. 1º.** A Política Municipal de Fomento ao Cooperativismo Habitacional Autogestionário integrará a Política de Desenvolvimento Municipal no que tange ao cooperativismo habitacional, e visará o fomento às cooperativas, redes, fóruns e empreendimentos de autogestão, incentivando a sua difusão, sustentabilidade e expansão.

## **Capítulo II Do Cooperativismo Habitacional Autogestionário**

**Art. 2º.** O Setor do Cooperativismo Habitacional é formado por cooperativas com seus estatutos sociais devidamente registrados, fóruns, redes e empreendimentos de autogestão que preencham alguns dos seguintes requisitos:

I - sejam organizados sob os princípios da cooperação, da solidariedade, da autogestão, da sustentabilidade econômica e ambiental e da valorização do ser humano e do trabalho;

II - cujo objetivo, patrimônio e os resultados obtidos sejam revertidos para melhoria, sustentabilidade e distribuição de renda e bens entre seus associados;

III - que tenham por instância máxima de deliberação, para todos os fins, a assembléia periódica de seus associados, onde todos tenham direito a voz e voto, e por instâncias intermediárias aquelas que garantam a par-

ticipação direta dos associados de acordo com as características de cada empreendimento;

IV - que adotem sistemas de prestação de contas detalhadas de acordo com as necessidades e interesses dos associados, em especial do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social;

V - cujos sócios sejam seus trabalhadores, produtores, usuários ou gestores;

VI - cuja participação de trabalhadores não associados seja limitada em relação ao número de cooperativados;

§ 1º. Serão consideradas ainda, integrantes deste instrumento de fomento, as entidades de apoio, aquelas organizações e instituições, sem fins lucrativos, que formulam, fomentam e apóiam o Cooperativismo Habitacional Autogestionário;

§ 2º. Excepcionalmente, por necessidades comprovadas por motivos de sazonalidade na produção, poderá ser admitido, em caráter temporário, número de trabalhadores não associados, superior ao disposto no inciso VI.

### **Capítulo III**

#### **Dos Objetivos e Instrumentos**

**Art. 3º.** São objetivos da Política Municipal de Fomento às Cooperativas Habitacionais de Autogestão que integram este projeto:

I - promover e difundir os conceitos de associativismo e cooperativismo, solidariedade, autogestão, desenvolvimento sustentável e de valorização das pessoas e do trabalho;

II - proporcionar a criação e manutenção de oportunidades de trabalho e a geração e distribuição de renda e bens entre seus cooperados;

III - estimular a produção e o consumo de bens e serviços oferecidos pelo Setor Alternativo da Economia Popular Solidária e do Cooperativismo Autogestionário;

IV - oportunizar, através de formação e acompanhamento adequados, habitação digna e a preço de custo aos membros das Cooperativas Habitacionais.

**Art. 4º.** São instrumentos da Política Municipal de Fomento às Cooperativas Habitacionais de Autogestão que integram este projeto:

I - educação, formação e capacitação para cooperação e autogestão;

II - assessoria técnica para elaboração de projetos arquitetônicos e urbanísticos de loteamentos populares;

III - apoio à promoção comercial e constituição de demanda através de assessoria técnica, abertura de mercados, compras governamentais e estímulo ao consumo dos produtos e materiais de construção alternativos e ecológicos;

IV - apoio à pesquisa, à inovação, desenvolvimento e transferência de tecnologias apropriadas aos empreendimentos;

V - incubação e apoio técnico para criação de novas cooperativas habitacionais de autogestão;

VI - apoio técnico e assessoria à recuperação e à reativação de cooperativas habitacionais que tenham decretado dissolução ou liquidação;

VII - apoio jurídico e institucional à constituição de cooperativas habitacionais autogestionárias;

VIII - incentivo à implantação das cooperativas através de máquinas e equipamentos e acessórios integrantes do patrimônio do Município;

## **Capítulo IV**

### **Dos Integrantes do Sistema Municipal de Fomento**

**Art. 5º.** A Política Municipal de Fomento às Cooperativas Habitacionais Autogestionárias prevista nesta Lei, será implementada através de um Sistema Municipal pelo Departamento Habitacional, diretamente ou firmando convênios, parcerias ou instrumentos similares, com as seguintes instituições:

I - Estado do Rio Grande do Sul, através de seus órgãos da administração direta e indireta;

II - Municípios, por meio dos seus Órgãos de Administração;

III - Universidades, Instituições Tecnológicas e de Pesquisa;

IV - Instituições Financeiras que disponibilizem linhas de crédito;

V - Entidades de Apoio e outras entidades públicas e entidades privadas sem fins lucrativos, que atuem com cooperativismo;

VI - Organizações Não-Governamentais, Associações e Grupos de Assessoria e Educação Popular que trabalhem com Cooperativismo.

## **Capítulo V**

### **Do Fomento ao Desenvolvimento do Cooperativismo Habitacional Autogestionário.**

**Art. 6º.** Os empreendimentos do cooperativismo habitacional autogestionário terão prioridade e critérios diferenciados para a obtenção de incentivos ao investimento e à sua implantação, dada a sua importância na redução do déficit habitacional no município.

**Art. 7º.** O Município apoiará e promoverá pesquisas, desenvolvimento e transferência de tecnologias adequadas às necessidades dos empreendimentos do Cooperativismo Habitacional Autogestionário.

## **Capítulo VII**

### **Da Aplicação da Política Municipal de Fomento ao Cooperativismo Habitacional Autogestionário**

**Art. 8º.** A aplicação da Política Municipal de Fomento às Cooperativas Habitacionais Autogestionárias será organizada e acompanhada pelo Conselho Municipal de Habitação.

**Art. 9º.** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

## OS AUTORES

### **IVANIO DICKMANN**

Presidente da COOHABRAS. Foi Diretor Geral e Educador Popular do Centro de Assessoria em Educação Popular, Cooperativismo e Economia Solidária - HABESOL, graduando em História pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), organizador das cooperativas habitacionais em Veranópolis-RS, durante o período que foi o Chefe do Departamento Habitacional.

Participou da Oficina Nacional de Formação para Gestores Públicos em Economia Solidária da Secretaria Nacional da Economia Solidária - SENA-ES, do Curso de Viabilidade Econômica e Gestão Democrática de Empreendimentos Associativos do CAPINA - RJ e do processo de Formadores do Centro de Formação em Economia Solidária - CFES.

### **IVO DICKMANN**

Diretor Pedagógico da COOHABRAS. Bacharel em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier - IFIBE, Mestre em Educação e Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, Educador Popular do Centro de Assessoria em Educação Popular, Cooperativismo e Economia Solidária - HABESOL. Organizador das cooperativas habitacionais em Frederico Westphalen-RS.

É autor, juntamente com Ivanio Dickmann, do livro *Primeiras Palavras* em Paulo Freire (2008), *Construindo Cidadania* (2008), *Juventude da Agricultura Familiar* (2009), *Como Organizar uma Cooperativa de Habitação* (2009), *Vivendo em Cooperativa* (2011) e *Fazendo Diferente* (2011).

### **CLEDIR ASSÍSIO MAGRI**

Doutorando em Filosofia pela UNISINOS, Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF), pós-graduado em Gestão em Desenvolvimento Rural e Cooperativismo de Crédito Solidário (IMED), pós-graduado em Direitos Humanos pelo (IFIBE); graduado em Filosofia pelo IFIBE, educador popular e assessor pedagógico da Cresol Central SC/RS. É autor, juntamente com Ivo Dickmann e Ivanio Dickmann, do livro *Construindo Cidadania* (2008), *Juventude da Agricultura Familiar* (2009), *Agricultura Familiar: alternativas em construção* (2008), *Cooperativismo de Crédito Solidário: reflexões e boas práticas* (2010).







[www.coohabras.org](http://www.coohabras.org)